

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

LUCIENE DE AGUIAR PORTELA

O LIVRO DE PROVÉRBIOS E SEU EMPREGO EM SALA DE AULA

SÃO LEOPOLDO

2012

LUCIENE DE AGUIAR PORTELA

O LIVRO DE PROVÉRBIOS E SEU EMPREGO EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Leitura Popular da Bíblia

Orientador: Carlos Arthur Dreher

SÃO LEOPOLDO

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P843L Portela, Luciene de Aguiar
O livro de Provérbios e seu emprego em sala de aula / Luciene de Aguiar Portela ; orientador Carlos Arthur Dreher. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.
68 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Bíblia. A. T. Provérbios – Crítica, interpretação, etc. 2. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 3. Língua portuguesa – Figuras de linguagem. I. Dreher, Carlos Arthur. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

LUCIENE DE AGUIAR PORTELA

O LIVRO DE PROVÉRBIOS E SEU EMPREGO EM SALA DE AULA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Leitura Popular da Bíblia.

Data: 07 de janeiro de 2013

Carlos Arthur Dreher – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Flávio Schmit – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Dedico este trabalho a meus filhos e neta, que entenderam a minha ausência dentro deste projeto, e encorajaram-me a buscar e alcançar objetivo, bem como a minha mãe que sempre está ao meu lado entendendo a minha ausência; e a todos que estão participando desta caminhada. Obrigada por acreditarem em mim e nos meus sonhos. Vocês são essenciais na minha vida.

Luciene de Aguiar Portela

RESUMO

A presente pesquisa foi elaborada com o intuito de despertar a atenção para a importância do texto bíblico, neste caso o livro dos Provérbios. Diante da diversidade de textos que são trabalhados atualmente no ensino da Língua Portuguesa, considera-se interessante propor mais este gênero, apresentando-o como proposta de análise dessa forma de discurso. O trabalho foi desenvolvido observando figuras de linguagem, especificamente a metáfora, a metonímia, a comparação metafórica e a personificação encontradas nessa obra. Para o corpus, selecionamos os cinco primeiros versículos de cada capítulo, desse total, escolhemos os que apresentavam figuras e iniciamos a análise. Optamos por fazer análise retórica, tendo em vista o teor apelativo das mensagens. O processo de análise foi feito comparando os traços comuns visando a ajudar o aluno a compreender, a identificar, a interpretar a mensagem figurada, entre o sentido literal e o sentido figurado de um determinado provérbio. Convém lembrar que desconsideramos como figuras, para análise, aquelas palavras cujo sentido, apesar de demonstrar aparente teor conotativo, já deixaram de ter essa carga semântica dada ao uso e ao conseqüente desgaste desse uso como figura. Ficou evidente que o conteúdo das mensagens proverbiais é atemporal, ou seja, podem-se aplicar os conselhos que integram esse livro até os dias de hoje, sem correr o risco de se tornar anacrônico ou cometer incoerência semântica.

Palavras-chave: Texto bíblico. Provérbios. Figuras de linguagem.

ABSTRACT

This research was conducted with the aim of raising awareness of the importance of the biblical text, in this case the book of Proverbs. Given the diversity of texts that are currently worked in the teaching of Portuguese language, consider proposing more interesting this genre, presenting it as draft analysis of this form of speech. The study was conducted by observing figures of speech, specifically metaphor, metonymy, personification and metaphorical comparisons found in this work. For the corpus, we selected the first five verses of each chapter, this total, choose those with figures and started the analysis. We chose to do rhetorical analysis considering the content of the messages appealing. The process of analysis was done comparing the commonalities in order to help students understand, identify and interpret the message figuratively, between the literal and figurative meaning of a particular proverb. Remember that figures such disregard for analysis, those words whose meaning, despite seeming to demonstrate connotative content, has ceased to have that semantic load placed on the use and the consequent wear and use this figure. It was evident that the content of the messages proverbial is timeless, ie, one can apply the advice that make this book until the present day, without running the risk of becoming anachronistic or commit semantic inconsistency.

Keywords: Biblical Text. Proverbs. Figures of speech.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 FUDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1.1 A Bíblia	13
1.2 Salomão: autor do livro de Provérbios?	15
1.3 O livro dos Provérbios.....	16
1.4 O que é Provérbio.....	20
2 METODOLOGIA DA PESQUISA	22
2.1 Pesquisa documental	22
3 ANÁLISE DE PROVÉRBIOS ENQUANTO FIGURAS DE LINGUAGENS	277
3.1.1 A Retórica.....	28
3.1.2 Figuras de Linguagem	30
3.1.3 Metáfora	35
3.2 Análise de Corpus	39
3.2.1 Metáforas	40
3.2.2 Comparação ou Símile	48
3.2.3 Metonímias	52
3.2.4 Personificação.	55
3.3 Interpretando os Provérbios	56
3.3.1 Metáforas	588
3.3.2 Comparações metafóricas	61
3.3.3 Metonímias	63
3.3.4 Personificação	64

4 COM VISTAS A UMA APLICAÇÃO PRÁTICA	655
4.1 Ditos populares recolhidos em sala de aula.	655
4.2 Plano de aula.....	655
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de pesquisa de cunho científico que visa contribuir na compreensão de algumas figuras de linguagem.

A escolha do tema se deu pelo fato de que, como falantes talvez não passemos um só dia sem usar tais recursos e, às vezes, nem percebamos isso.

Investigadas as figuras de linguagem do livro bíblico Provérbios, devido ao fato de que esta modalidade de leitura é acessível à maioria dos leitores por sua grande difusão, por sua simplicidade tanto na forma quanto no conteúdo e pela idoneidade comprovada dessa fonte a Bíblia.

O *objetivo geral* será despertar a atenção para a importância do texto bíblico, Provérbios, visando o aluno a compreender, a identificar e interpretar a mensagem figurada, entre o sentido literal e o sentido figurado de um determinado provérbio, percebendo que o livro todo é um convite para valorizar a cultura popular e também a percepção religiosa que o povo tem, bem como, perceber a importância da linguagem conotativa em textos bíblicos, o uso de metáforas, metonímias e outras figuras presentes no texto.

Estabelecemos os seguintes *objetivos específicos*: criar condições para que o aluno identifique o uso de diferentes modos de expressão do mesmo assunto e mostrar a ele que não expressamos a mensagem da mesma forma, do mesmo ângulo. Identificar que, apesar de a Bíblia ser um livro antigo, sua linguagem e seu conteúdo pode ser aplicado aos dias de hoje. Identificar nos provérbios de bíblicos as formas de linguagem figuradas, seus precedentes e resultados reconhecendo que essas formas de linguagem podem ser relacionadas com seu cotidiano. Identificar nos Provérbios de Salomão uma nova modalidade de discurso. Observar que a retórica não está só na forma poética, mas também está na vida. Identificar nos Provérbios normas e regras para uma vida melhor.

Justificativa: A presente pesquisa será elaborada com o intuito de despertar a atenção para a importância do texto bíblico, o livro dos Provérbios, e que o mesmo pode ser trabalhado em sala de aula. Como se sabe, nos dias de hoje, com o avanço tecnológico, a velocidade da informática, o fenômeno da globalização, os professores, de forma geral, não se restringem a apenas um conteúdo de determinada disciplina, pois, de acordo com os

Parâmetros Curriculares Nacionais¹, a escola deve trabalhar com os temas transversais, ou seja, devem se aproveitar todas as oportunidades para passar aos alunos, sob diversos pontos de vista, assuntos variados que possam melhorar sua vida, seu cotidiano bem como sua aprendizagem.

Como professora do Ensino Médio e Assessora bíblica, percebemos que o livro de Provérbios é interessante como fundamentação para este trabalho por apresentar um teor de simplicidade desde o título “Provérbios”, que sugere um tema familiar de fácil assimilação e tentar prescrever normas e regras para uma vida melhor.

O presente trabalho também busca sugerir o texto bíblico como mais um objeto de análise: desmistificar a ideia de que lugar de ler a Bíblia é na Igreja ou que seu lugar é em um canto da casa, aberta em algum Salmo.

Quanto à *Formulação do Problema* partimos de alguns questionamentos como: No livro de Provérbios podemos aplicar os conselhos que integram esse livro até os dias de hoje? Que tipo de figuras de linguagem se pode descobrir nessa obra: Provérbios? Como construir imagens por meio das mensagens bíblicas e interpretá-las de maneira única, individual, como se sua descoberta fosse uma obra-prima do leitor? Partindo da análise comparando os traços comuns, será possível ajudar o aluno a compreender, identificar e interpretar a mensagem figurada, entre o sentido literal e o sentido figurado de um determinado Provérbio? Seremos capazes de fazer o aluno descobrir que os provérbios nos ajudam a entender porque devemos ter disciplina, sabedoria e buscar viver a vida de forma mais clara e objetiva?

Partimos da hipótese de que os provérbios nos falam de valores voltados não diretamente para o relacionamento com Deus, mas para o relacionamento com o próximo. Esta parece ter sido a maneira como Jesus utilizou os provérbios para desenvolver seus ensinamentos. A linguagem ocorre por meio de sujeitos falantes. Estamos tão acostumados que não prestamos atenção nos inúmeros provérbios que povoam, habitualmente, nossas conversas, em casa, na rua, no ambiente de trabalho, na escola. Onde estiver um grupo conversando ou trocando ideias, sempre alguém reforça seu ponto de vista ou opinião emitido com algum provérbio. Por exemplo, vá com calma por que “a pressa é inimiga da perfeição”. Assim como os ditos populares, os provérbios bíblicos tentam prescrever normas e regras para uma vida melhor, mas este privilégio de ser bíblico é o que dá mais autenticidade às imagens. A interpretação dos provérbios exige prudência pelo fato de que nem todos os provérbios

¹BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

podem valer como sabedoria cristã. Expressam um modo de ver que de acordo com bom número deles, sobretudo não com aqueles que mostram preconceitos e desprezo em relação às mulheres, aos estrangeiros, aos escravos etc., e que aqueles que ensinam a desejar vingança ou não se comprometerem. Vejo que Provérbios é uma coleção de máximas morais e religiosas, possuidoras de instruções acerca da maneira correta de viver. Também contém temperança, trabalho, pureza etc.

Teoricamente, o trabalho será feito a partir de pesquisas, estudos e aprofundamentos, observando figuras de linguagem, especificamente a metáfora, a metonímia a comparação metafórica e a personificação encontrada no livro de Provérbios, e, para o corpus, serão selecionados os cinco primeiros versículos para a análise.

A grande fonte será a Bíblia. Serão usadas outras bibliografias referidas. Tendo como pano de fundo a hermenêutica de figuras de linguagem no livro de Provérbios.

A intenção deste trabalho de pesquisa não é a análise profunda de todas as camadas literárias que estão entrelaçadas no livro bíblico Provérbios bem como não tem a pretensão de concluir a pesquisa, e, sim, abrir caminhos para novas perspectivas, podendo ser utilizado por profissionais da educação interessados em realizar um trabalho diferenciado.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A Bíblia

Os cristãos colocaram o fundamento de sua fé na revelação de Deus ao Povo Israel. Essa revelação teve a sua plenitude em Jesus Cristo. Esta grande experiência histórico-religiosa se encontra nos livros do Novo Testamento.

A palavra Bíblia vem do grego e significa “coleção de livros”. Nela está contida a história do povo de Deus e da salvação do gênero humano, representado pelos hebreus, desde a criação do mundo feita por Deus até as profecias da segunda vinda gloriosa de Jesus, o Filho de Deus. Do ponto de vista literário, a Bíblia é uma coleção de fragmentos históricos sobre o Povo de Israel.

A Bíblia começou a ser escrita aproximadamente em 1.300 anos a.C. Seu relato começa antes da vinda de Cristo, em parte com as chamadas “tradições orais”, que são as narrações que as pessoas contavam umas às outras e foram sendo escritas conforme a necessidade exigia. Assim, compreende-se que a Bíblia foi produzida aos poucos, seus escritores não sabiam que estavam produzindo o que mais tarde viria a ser conhecido como Escritos Sagrados. Pelo fato de ter sido elaborada de forma tão peculiar, as narrativas muitas vezes apresentam semelhanças em diversos ângulos, de acordo com o contexto em que foram escritas. A escritura da Bíblia terminou por volta do ano 100 d.C., com o livro do *Apocalipse*. Dessa forma é possível dizer, e a maioria dos críticos concorda, que para entender a Bíblia há de se levar em conta um estudo sobre as formas literárias e as tradições orais e escritas, as quais contribuíram para a produção dos atuais livros bíblicos.

Além do mais, estudando as tradições, os relatos que muitas vezes mostram divergências quanto ao estilo ou à ordem, conclui-se que dificilmente a maioria dos livros da Bíblia poderia ter sido escrita por um só autor. O que pode ter acontecido, como era costume antigo, é que a autoria de determinados livros tenha sido atribuída a algum personagem marcante ou ilustre daquela época.

A Bíblia é composta por 73 livros. Destes, 46 constituem o conjunto de livros do Antigo Testamento, ou Primeiro Testamento, e 27 constituem o conjunto dos livros do Novo Testamento, ou Segundo Testamento. A palavra “testamento” significa “aliança”. O Antigo Testamento nos relata a criação do mundo, as alianças entre Deus e seu povo, as profecias que

anunciavam a vinda do *Messias*, a fidelidade e infidelidade do povo de Deus e a preparação do povo “escolhido”, que daria origem à tradição de Jesus e, conseqüentemente, às igrejas cristãs.

A primeira grande parte, o Antigo Testamento, subdivide-se em quatro categorias: 1) os cinco livros do Pentateuco; 2) os dezesseis livros históricos; 3) os sete livros sapienciais e 4) os dezoito livros proféticos. Os provérbios bíblicos estão contidos nos livros sapienciais ou nos proféticos.

A segunda grande parte, o Novo Testamento, por sua vez, contém também 1) os Evangelhos (*Mateus, Marco, Lucas e João*), os quais relatam a vida de Jesus Cristo, pelo menos as fases consideradas importantes; 2) *Cartas Pastorais*, as quais foram escritas pelos apóstolos e discípulos com a finalidade de orientar e posicionar a Igreja frente a questões doutrinárias; e 3) os livros histórico de *Atos dos Apóstolos* e Profético de *Apocalipse*.

A pontuação bíblica vem a ser a forma para se utilizar e para manusear os textos com maior facilidade. Nos manuscritos antigos não havia títulos nem a divisão em capítulos e versículos, como temos hoje. A divisão em capítulos foi introduzida pelo professor universitário parisiense Stephen Langton, em 1227 d.C, que viria a ser eleito bispo de Cantuária pouco tempo depois. A divisão em versículos foi introduzida em 1551, pelo impressor parisiense Robert Stephanus. Ambas as divisões tinham por objetivo facilitar a consulta e as citações bíblicas, e foi aceita por todos, incluindo os judeus.

As principais pontuações bíblicas são as seguintes:

- a) Vírgula: separa blocos de versículos de outros. Exemplo: Dn 3.3-5, 10-12;
- b) Hífen: equivale a “até”. Exemplo: Dn 3.1-3;
- c) Ponto: separa o capítulo do versículo. Exemplo Dn 3. 1-5;
- d) ”s”: mostra a continuação de um versículo. Exemplo: Dn 3. 8s;
- e) “ss”: mostra a continuação de dois ou mais versículos. Exemplo: Dn 3.1ss.
Resumindo: “s” equivale a “seguinte” e “ss” a “seguintes”, indicando que um trecho em questão se inicia no versículo mencionado e continua a seguir.

As abreviações bíblicas têm como finalidade facilitar na hora de especificar o trecho retirado do livro. A maioria das Bíblias, para não dizer todas, possui uma página com todas as abreviações bíblicas, para facilitar a consulta dos leitores.

1.2 Salomão: autor do livro de Provérbios?

A história de Salomão encontra-se na Bíblia, no Primeiro Livro dos Reis. O nome Salomão ou Shlomô (em hebraico: שלמל), deriva da raiz *Shalom*, que significa “paz”, tem o significado de “Pacífico”. Foi adicionalmente chamado de *Jedidias* (em árabe Sulayman) pelo profeta Natã, nome que em hebraico significa “Amado de Jeová”. (II Samuel 12.24- 25). Salomão era filho do rei Davi, da linhagem de Judá (rei de Israel de 1037 a 998 a.C.). O nome verdadeiro de Salomão era Jedidias, mas não era chamado por esse nome, e, sim, por Salomão, cuja raiz significa “paz”. O nome Jedidias, que significa “amado por Deus” (II Samuel 12.24-25), teria sido dado pelo fato de ele ter sido a causa da bênção da união do rei Davi com uma concubina.

Por influência da mãe de Salomão, Bete-Seba e de outros poderosos da época, o rei Davi prometeu que seu sucessor seria Salomão, mas um meio-irmão dele por nome de Adonias também estava interessado no reinado de Israel.

Segundo o relato bíblico, Adonias fez muitas “manobras” para conseguir tomar o reinado de seu irmão, mas isso foi em vão, pois, como era da vontade do rei Davi, após a morte deste, Salomão foi entronizado. Depois de receber a coroa, o rei Salomão, por “benevolência”, ainda deixou seu meio-irmão vivo.

Adonias viveu até o dia em que teve a idéia de mandar um recado ao rei de que queria como esposa uma antiga enfermeira do rei Davi (e possível concubina dele), chamada Abisague. Como era de costume, as esposas e as concubinas de um rei só poderiam pertencer ao seu sucessor. O rei Salomão interpretou esse pedido do seu irmão como uma possível tentativa de golpe e, então, mandou matá-lo. Ainda de acordo com o relato, o rei Salomão construiu um grande templo para Deus, trabalho que durou doze anos. Essa construção é narrada desde seu planejamento até a inauguração comemorativa, a qual foi um grande acontecimento político, com a presença de outras autoridades subordinadas ao rei.

Uma das fontes geradoras de riqueza do rei Salomão era o comércio, e sua renda era qualificada em ouro e prata. Além da riqueza que possuía, ele ganhava muitos presentes de outros reis. “Não havia em toda terra rei que possuísse tanta riqueza como Salomão. O próprio

trono era de marfim recoberto de ouro refinado”. Para os seus vasos de beber, só se usava ouro. “Ele podia falar mais de três mil provérbios”.²

Consta que Salomão teria, quando mais velho, deixado de ser monoteísta e passado a ser politeísta, conduta incoerente com sua história de vida, e, ainda um dos motivos para essa declinação teria sido o apego excessivo às mulheres provenientes de outras culturas que o teria influenciado.

Assim como o rei construiu um templo para Deus quando jovem, na maturidade construiu também um templo para outros deuses, os quais passou a louvar. E, conforme fonte mencionada, ele continuou com crenças nesses deuses até o fim da vida.

Como já foi citado, uma das fraquezas do rei, teria sido o excesso de apego às mulheres: ele veio a ter setecentas esposas e trezentas concubinas, fato que demonstra que era adepto da poligamia, comportamento comum naquela cultura.

Seu reinado durou cerca de quarenta anos, e consta que ele teria se tornado opressivo, devido ao desgaste econômico do alto custo do seu governo. O descontentamento era geral, tanto da parte do povo, quanto também de seus supervisores. O autor finaliza seu relato sobre o rei Salomão, usando as palavras do próprio Salomão: “Quando dominam os justos, alegra-se o povo, quando governa o ímpio, o povo geme” (Pv 29.2).

Talvez tais palavras expressassem o fim do império de uma figura tão importante da história bíblica; aliás, se bem se pesquisar, encontrar-se-ão outras frases em suas obras que podem expressar boa parte de sua conduta durante todo seu reinado.

1.3 O livro dos Provérbios

A Bíblia Hebraica, conhecida pelos cristãos como Antigo Testamento, está dividida em três grandes seções que são: A Lei, os Profetas e os Escritos. É dentro da seção dos Escritos que encontramos o livro dos Provérbios, logo após o Livro dos Salmos. Junto com outros livros, como Jó e Eclesiastes, Provérbios faz parte de um gênero literário chamado sapiencial, isto é, que tem a ver com a sabedoria.

Com 31 capítulos, o Livro dos Provérbios é, talvez, o mais representativo do gênero sapiencial. Se for observado, há dois aspectos característicos deste gênero – a forma e o tema

²SOCIEDADE TORRE DE VIGIA BÍBLIAS E TRATADOS. Estudo Perspicaz das Escrituras. Volume 3. Rodovia SP: 1992.

dos provérbios, que resumem, em frases soltas, o conhecimento popular e a experiência da vida – e ainda o duplo sentido da *Sabedoria*, humana e divina.

Essa literatura sapiencial começou a tomar forma, em Israel, nos tempos da monarquia, especialmente durante o reinado de Salomão (950 a.C.) que, dentro da tradição judaica, representa o ideal do homem sábio (cf. 1Rs 4.29-34). Isto explica por que, embora grande parte do conteúdo do livro seja resultado de um longo período de compilação, redação e edição da sabedoria nascida da experiência do povo, (950 a.C.) até dois séculos depois do exílio (400 a.C.) Salomão é mencionado como autor do mesmo. Foram atribuídos ao rei Salomão por causa de sua fama de sábio (1Rs 3-5), mas, ao olhar atentamente os vários subtítulos que aparecem no livro, pode-se facilmente distinguir nove coleções, provindas de tempos e mãos diferentes. Podemos distinguir assim as coleções:

- a) Capítulos 1-9: “Os provérbios de Salomão, filho de Davi e rei de Israel” (400 a.C.), iniciando com as palavras: “Os provérbios de Salomão, filho de Davi”, caracteriza-se pelas instruções de certa amplitude e pelos discursos da Sensatez personificada. Cronologicamente é considerada a última.
- b) Capítulos 10.1-26,16 “Provérbios de Salomão” (600 a.C.) descritos como “Provérbios” de Salomão. É uma antologia de provérbios breves, reunidos sem critérios coerentes; alguns são repetidos, com variantes; outros se condensam em pequenos grupos temáticos. Há outros criativos e acertados, mas em boa parte parecem convencionais e monótonos.
- c) Capítulos 22.17-24.22: “Palavras dos Sábios” (950 a.C.). Atribuída no texto a doutores anônimos. Muda o estilo: em vez de dísticos, várias estrofes de quatro versículos; predomina a segunda pessoa; o conteúdo é heterogêneo. Muitos opinam que depende do Ensino de Amenopê (enciclopédia do egípcio Amenopê, 1250 A.C). Intitulam-se Máximas de Doutores.
- d) Capítulos 24.23-34: “Também essas são palavras dos Sábios” (?). Breve coleção, com apêndice da anterior, sem dependência de textos egípcios conhecidos. Vai da terceira pessoa à segunda e à primeira.
- e) Capítulos 25-29: “Provérbios de Salomão, recolhidos e copiados pelos funcionários de Ezequias, rei de Judá” (700 a.C.). Esta parte começa com as seguintes palavras: ”Também estes são provérbios de Salomão transcritos pelos homens de Ezequias, rei de Judá”. Provérbios atribuídos no texto a Salomão e

recolhidos posteriormente. Pelo êxito da forma, agudeza e originalidade, é o melhor do livro.

- f) Capítulo 30.1-14: “Palavras de Agur, filho de Jaces e Massa” (?). Atribuído a um estrangeiro. É um bloco heterogêneo. Inicia assim: “Máximas de Agur, filho de Jaces, o massaíta.”
- g) Capítulo 30.15-33: “Provérbios numéricos (?)”. Muitos a separam da precedente pelo estilo predominante. Aqui começa uma série de provérbios numéricos.
- h) Capítulo 31.1-9: Atribuída a outro autor estrangeiro: “Palavras de Lemuel, rei de Massa, que lhe foram ensinadas por sua mãe” (?).
- i) Capítulo 31.10-31: “Elogio a mulher ideal” (?).

Salomão foi, pois, o originador da maior parte dos provérbios. Quanto a Agur e Lemuel, não há nenhuma informação precisa sobre a identidade deles. Alguns comentaristas sugerem que Lemuel talvez tenha sido outro nome de Salomão.

Agrupando ditos, sentenças e alguns desenvolvimentos maiores, o livro dos Provérbios é um verdadeiro resumo da sabedoria de Israel. Provérbio é uma frase curta, bem construída, que expressa uma verdade adquirida através da experiência e que se impõe pela forma breve e pela agudez das observações.

A forma definitiva do livro dos Provérbios, tal como se tem hoje, teve lugar depois do regresso do exílio babilônico (537 a.C). É durante esse período que a literatura sapiencial adquire grande importância na vida do povo. A voz profética cessou; o povo se esqueceu das leis e dos preceitos da Lei. Já não existem reis nem governantes que deem unidade e identidade ao povo. Ainda por cima acontece uma grande dominação política e cultural, primeiro pelo império persa e depois pelo império helênico. São anos de grande efervescência intelectual, de muito contato internacional, de grande instabilidade social.

É nesse contexto que o livro dos Provérbios toma forma e vem a constituir-se num “manual das novas gerações em uma época totalmente nova”. A educação do povo, e, em particular, de seus líderes torna-se fundamental para a preservação dos valores e da fé do povo. (1.1-4) Ditos de Salomão, filho de Davi, rei de Israel, que tem como finalidade: comunicar sabedoria e instrução ajudar a compreender palavras cheias de sentido, adquirir instrução, prudência, justiça e equilíbrio; tornar capazes os jovens inexperientes e dar-lhes conhecimento e reflexão.

A mensagem geral do livro dos Provérbios está dirigida a toda a humanidade, que pode encontrar-se com Deus sem fazer referência a um povo em particular. Segundo, e muito relacionado com o primeiro, o livro está marcado por um “humanismo religioso”. Embora “o principio da sabedoria seja o temor de Javé”, o livro valoriza a experiência acumulada pelos sábios e o que as próprias pessoas podem aprender pelas consequências de suas ações. Além disso, todos são capazes de aprender das experiências dos mais velhos.

Terceiro, apesar do que se disse anteriormente, o livro dos Provérbios incorpora o fundamental da Lei e não se esquece da relevância da mensagem profética. Por isso, na medida em que se dirige ao povo de Israel, pressupõe o conhecimento da Lei e da mensagem dos profetas. Trata-se agora de entender as dimensões de tudo isso no cotidiano da vida. Assim, sem a exigência autoritária das leis e dos regulamentos da Lei (o Pentateuco) e sem a dramaticidade da tradição profética de anúncio-denúncia, esta literatura sapiencial busca persuadir à prática de um estilo de vida que, em última análise, está em consonância com o espírito da Lei e a mensagem dos profetas.

“Provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel” (Pv 1.1). Assim começa o livro dos Provérbios. Mas já se sabe que isto é apenas uma atribuição por causa da decantada fama de sábio que Salomão deixou. No próprio livro, existe uma “coleção dos sábios” (Pv 22.17-34) e “palavras” de Agur e de Lamuel, dois estrangeiros (30.1-14; 31.1-9). Provérbio é uma forma típica da sabedoria popular, baseado na experiência cotidiana da vida e do trabalho na família e no clã. Por isso mesmo é anônimo, isto é, não tem um autor determinado.

O livro dos Provérbios é um conjunto de coleções, umas mais antigas, outras menos, que foram compiladas num processo que atravessou séculos. Provavelmente há provérbios que foram colecionados desde o tempo de Salomão (970-931 a.C.). Porém, o próprio livro se refere a provérbios que foram recolhidos e copiados pelos funcionários do rei Ezequias (716-687 a.C.), e esse trabalho deve ter continuado no reinado do rei Josias (640-609 a.C.).

O trabalho final de reunir todas as coleções em um único livro deve ter terminado por volta do ano 400 a.C., na reforma de Esdras.

O núcleo central do livro dos provérbios reúne as três coleções mais antigas:

- a) Pv. 10.1-22.16 – Primeira “Coleção de Salomão”
- b) Pv 22.17-24.24 – “Palavras dos sábios”.

- c) Pv 25-29 – “Segunda Coleção de Salomão”. As duas coleções atribuídas a Salomão devem ter sido organizadas nas reformas de Ezequias (700 a.C.) e Josias (622 a.C.).

Os funcionários da corte foram buscar a experiência administrativa das aldeias para implementar as reformas empreendidas pelos reis. Eles têm um objetivo claramente político: exaltar a figura do rei como administrador competente (cf. Pv 16. 10-15; 25.2-6).

A finalidade do livro é “para conhecer a sabedoria e a disciplina, para entender as sentenças profundas; para adquirir disciplina e sensatez, justiça, direito e retidão; para ensinar sagacidade aos ingênuos, conhecimento e reflexão aos jovens. Que o sábio escute e assim aumentará o seu saber, e o homem prudente adquirirá habilidade, para entender dos sábios e seus enigmas” (Pv 1.2-6).

1.4 O que é Provérbio

Segundo Ferreira, o provérbio (do latim *proverbium*) significa “máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em adágios, ditado, anexam”.³ Exemplo: “Casa de ferreiro, espeto de pau”. Conforme a definição acima se pode observar que a própria palavra provérbio já traz em si toda uma carga semântica de que se trata de algo metafórico, geralmente rico em imagens.

Portanto, não é de se estranhar que os *Provérbios* bíblicos, sejam ricos em figuras de linguagem, o que vem acrescentar importância a esse gênero do discurso.

Esta elaboração é relevante e nos remete ao texto de J. Cowan e Joyce Feucht Havair, em prefácio a Sheldon, ao fazer referência a essa figura de linguagem:

A metáfora [...] permeia todas as áreas da atividade linguísticas, possuindo uma rica história intelectual; goza de importância sem precedentes no pensamento contemporâneo, tendo deixado a periferia ornamental do discurso para ocupar lugar de destaque no processo de entendimento da própria compreensão humana.⁴

Essa afirmação valida a preferência de Salomão, considerado um dos homens mais sábios da antiguidade, que usou de tais recursos para deixar sua mensagem. Segundo Myer

³FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

⁴COWAN, J.; FEUCHT-HAVAIR, Joyce. Prefácio de A Metáfora e o cultivo da intimidade. In: SACHS, SHELDON (Org.). *Da metáfora de Francisco a W.A.M. van de Wiel e outros*. São Paulo: Educ/Fontes, 1992.

Pearlman, o livro de *Provérbio* é uma coleção de expressões curtas e concisas contendo lições morais, cujo principal autor é Salomão: “Os provérbios dos últimos dois capítulos foram escritos por Agur e Lamuel, autores que a Bíblia não menciona em outra parte”.⁵

Em *a Bíblia de estudos das profecias*, de John C. Hagee encontra-se: “Salomão, o autor principal, usa uma combinação de poesia, parábolas, perguntas, pequenas histórias e axiomas, para fornecer ao leitor, de forma tocante e profunda, o senso comum e a perspectiva divina necessária para lidar com a vida”.⁶

Pearlman observa também que “*Provérbios* é uma coletânea de axiomas e não um livro histórico. É um produto da escola Sapiencial [...]. Os *Provérbios* de Salomão foram escritos em torno do ano 931 a.C. e seus *provérbios* registrados nos capítulos 5 a 29 foram coletados cerca de 230 anos mais tarde”. Afirma, ainda que, no reinado de Salomão, Israel estava no auge, espiritual, política e economicamente, e que se presume que Salomão tenha escrito estes *provérbios* nesta fase, pois mais tarde seu caráter havia declinado para a idolatria e coisas materiais.

Apesar de os *Provérbios* bíblicos terem sido escritos há mais de dois mil anos, pode-se observar que sua mensagem aplica-se até nossos dias. Verifique os exemplos: “Uma resposta branda aplaca o furor, uma palavra dura excita a cólera” (Pv 15.1), ou “Quem vigia sua boca guarda sua vida, quem muito abre seus lábios se perde”. (Pv 13.3).

Podemos notar que os dois *provérbios* acima podem ser considerados como atemporais. Ambos referem-se a questões comportamentais e advertem para a importância de se ter bom senso no relacionamento com as pessoas; além disso, a linguagem apresentada em ambos é de fácil interpretação.

A palavra-chave de *Provérbios* é sabedoria. O livro inicia dizendo a que veio fazendo uma auto-apresentação. Seu propósito é trazer discernimento e critério moral. O livro é um convite para a prática da prudência. “Seus preceitos específicos incluem instruções sobre: a sabedoria, a insensatez, o justo e o ímpio, a língua, o orgulho e a humildade, a justiça e a vingança, a família, o ócio e o trabalho”.⁷

⁵PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia Livro por Livro*. 5. ed. Miami: Vida, 1978. p. 98.

⁶HAGEE, John C. *Bíblia de estudo das profecias*. 2. ed. Belo Horizonte: Atos, 2001.

⁷HAGEE, 2001, p. 674.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 Pesquisa documental

O que é pesquisa?

A pesquisa se define como procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.⁸ Para que haja a necessidade de se fazer uma pesquisa, em primeiro lugar deve haver uma problemática a ser investigada; a pesquisa de cunho científica deve ser desenvolvida sob sérios critérios e vai ampliar sob o processo de muitas fases, que vai desde a formulação do problema até a apresentação dos resultados.

Diante do fascínio que a Bíblia exerce sobre algumas pessoas, e, também, do desestímulo que seus textos apresentam em outras, achamos interessante tomar um de seus livros como objeto de análise. Escolhemos como *corpus* o livro de *Provérbios*, por seus temas serem associáveis a pessoas de qualquer faixa etária e especialmente aos jovens, que são o alvo desta pesquisa. Nossa proposta, ao pesquisar figuras de linguagem nos *Provérbios* bíblicos (dando ênfase à metáfora), é levar até aos estudantes, principalmente do Ensino Médio, uma nova modalidade de discurso, bem como o estudo e compreensão da linguagem figurada, seus procedimentos e resultados.

Sabemos que as fontes da pesquisa documental podem ser documentos conservados em arquivos públicos ou em instituições privadas, tais como igrejas, sindicatos, partidos políticos, ou cartas pessoais, diários, fotografia. Então, de acordo com os procedimentos adotados e com a natureza do *corpus* deste trabalho, conclui-se que se trata de uma pesquisa documental, admitindo o fato de a Bíblia ser considerada como um dos mais importantes documentos históricos que acompanha por muito tempo a história da humanidade.

O *corpus* coletado para a presente pesquisa é o livro *Provérbios*, uma coleção de expressões curtas e concisas contendo lições morais.⁹ Com referência a esta citação a respeito do livro *Provérbios*, ressalta-se que a obra é composta de 31 capítulos, assim distribuídos:

Um discurso sobre o valor e a aquisição da verdadeira sabedoria (cap. 1 a 9); II- *Provérbios*, intitulados 'Os *Provérbios* de Salomão' (cps. 10,1 a 22,16); III – Admoestação sobre o estudo da sabedoria, intituladas “as palavras dos sábios”

⁸GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. p. 81.

⁹PEARLMAN, 1978, p. 98.

(22,13 a 24,34); IV – Provérbios de Salomão colecionados pelos homens de Ezequias (caps. 25,29); V – Instruções sábias de Agur aos seus discípulos, Itiel e Veal e as lições ensinadas ao Rei Lamuel por sua mãe (caps. 30 e 31). [1998:98].¹⁰

Para fazer a análise, foi escolhida uma forma que representasse de modo imparcial a amostragem de toda a obra. Distribuídos em 31 capítulos, estão 916 versículos. Para cada capítulo foram escolhidos os cinco primeiros versículos, o que soma um total de 155 versículos, correspondente a 15 % do total.

Usando o método indutivo, partiu-se da análise de fragmentos do livro de *Provérbios* para chegar-se a determinada conclusão. A técnica que utilizamos foi documental indireta, visto que se trata de uma pesquisa documental, com procedimento qualitativo. Após a seleção do *corpus*, foi feita uma análise para se verificar o uso de figuras de linguagem, como metáforas, metonímias e outras.

Feito o estudo das figuras selecionadas para o trabalho, fizemos a análise semântica dos versículos, facilitando sua compreensão pelos alunos, como seria feito em sala de aula. Daí surgiu a lista dos assuntos tratados no livro de *Provérbios*: a pobreza e a riqueza, os amigos e os vizinhos, o amor e a cobiça, o ódio e as contendas, os mestres e os servos, a vida e a morte. A obra toca em muitas facetas dos relacionamentos humanos, e os seus limites transcendem os limites do tempo e da cultura.

Um dos objetivos da pesquisa é sobre um livro que foi e é de grande importância no mundo cristão, e justamente fazer o resgate dessa forma tão peculiar de discurso.

Ao pensar em trabalhar *provérbios* bíblicos em sala de aula, o professor não irá, necessariamente, prezar pelo caráter religioso, nem das mensagens, nem do aluno. Mas, sim, irá dar importância à linguagem conotativa em textos bíblicos, o uso de metáforas, metonímias e outras figuras presentes no texto. Ao se deparar com essas formas de linguagem, o aluno poderá relacioná-las com seu cotidiano e observar que a retórica não está só na prática, mas também está na sua vida.

O texto a ser desenvolvido em sala de aula foi a terceira coleção do núcleo central do livro dos Provérbios, os capítulos 25-29: “Provérbios” recolhidos e copiados pelos funcionários de Ezequias, rei de Judá.

¹⁰PEARLMAN, 1978, p. 98.

Provérbios 25,1 mostra a natureza, a circunstância e o modo como surgiu o texto de Pv 25-29. Trata-se de uma antologia de materiais mais antigos e esparsos. A circunstância é a reforma centralizadora de Ezequias, época de revivescência do fervor patriótico, cultural e religioso em que se procurou reunir os materiais da tradição espalhados pelos reinos do Norte e do Sul. O modo como isso se realizou foi certamente a atividade da escola sapiencial junto à corte, onde se coletava e se organizava a história e a cultura do povo, certamente com uma forte ideologia para justificar a política em vigor.

A coleção tem duas características fundamentais. A primeira é a sua feição profana: não se insiste muito no elemento religioso como base e motivação do comportamento. A segunda é a articulação em duas partes: Pv 25-27, dirige-se claramente ao povo todo e tem a feição de um tratado moral e social, enquanto que Pv 28-29 sem dúvida se destina à formação daqueles que deverão ocupar postos administrativos importante. É a ética para os governadores.

Provérbios 25-27 tratam da moral social. O traço mais distintivo desta subcoleção é a ligação íntima com as realidades da natureza. As comparações são simples e os provérbios são concretos, justapondo realidade e imagem metafórica. O colorido popular predomina, e o tom de exortação é frequente. Podemos dizer que as características de vocabulário e de temas mostram que o texto nasceu num meio simples e próximo da natureza, preocupado com os problemas do dia-a-dia, principalmente os da convivência humana. Esta é a principal razão para ver este conjunto como um pequeno tratado de moral social, destinado ao povo em geral – camponeses, operários ligados ao lar (Pv 25.27; 27.8), afastados das autoridades e dos poderosos (25.6-7), temerosos diante de um processo (25.9-10). Os temas mais frisados são:

O sábio e o insensato. Insensatez e sabedoria são aqui defeitos ou qualidades de ordem intelectual. O insensato ou louco é propriamente o idiota que não entende nada e sempre tem um comportamento inadequado. O sábio é o homem inteligente e perspicaz e, por isso, hábil e oportuno, sabendo dizer e fazer as coisas certas no momento certo.

Do *sábio* fala-se apenas duas vezes (15.12; 27.11), de modo que suas características devem ser deduzidas a partir do seu oposto, o insensato, que recebe abundante descrição. O insensato é o homem inexperiente e sem autodomínio (25.28), ingênuo (27.12), sem bom-senso, (26.7), que se comporta como um bêbado (26.9) ou um animal (26.3). Não se deve promovê-lo (26.1-8) nem tomá-lo para um serviço (26.6-10), pois ele é gabola (25.14), preguiçoso (26.13-16) e incorrigível (26.11; 27.22), pois ele é falso e maledicente (26.18-22).

A atitude a manter em relação ao insensato é dupla e contraditória (26.4-50), ou seja, é preciso discernir a cada vez, para agir de modo adequado e oportuno. São as *exortações*, os conselhos fundamentados em motivos práticos e atingem o modo de viver e de se relacionar: conduta no palácio (25.6-7), prudência em questões judiciais (25.8-10); moderação nas coisas boas (25.16-17), nos elogios (25.27; 27.2-21); no contar vantagens (27.1); saber discernir as intenções (26.23-26); cuidar dos meios de subsistência (27.23-27); conservar os amigos (27.9-10.17); ser prudente no uso da língua: calúnia (26.20.22), hipocrisia (2.23-24), testemunho precipitado (25.8), espírito de briga (25.24; 26.21).

A *autoridade*. Há muito respeito para com a pessoa (25.2-5), e o povo parece estar à distância (25.6-7).

Provérbios 28-29 tratam da ética para os governantes.

Ao contrário da primeira parte, aqui o tom é de cunho mais moral e religioso, Os temas tratados mostram que esses dois capítulos formam uma espécie de *livro de normas para as autoridades políticas (rei e príncipes) e altos funcionários ligados ao governo*. Muito provavelmente esse texto era usado nas escolas sapienciais para a formação do futuro rei e de seus assessores. A insistência na formação religiosa talvez seja um sinal da influência de Dt 27.14-20 (especialmente 17.18-20). Os temas principais são:

A *autoridade política (rei e príncipes)*. Ela é responsável pelo povo, e por isso deve ter discernimento para governar com justiça (28.2-28), sem explorar e oprimir os pobres e os fracos (28.15-16). A autoridade será alvo de mentiras, de bajulação e de exploração, e seu exemplo será imitado (29.12-26). Para não provocar a ruína do povo (29.4), deverá preocupar-se continuamente com os pobres e defender o direito deles (29.14). Para exercer bem o governo, a autoridade política deve procurar a sabedoria e a segurança em Javé, reconhecer a autoridade de Javé e a ela se submeter (28.5; 29.25).

O *justo e o injusto*. A justiça está ligada ao bem da comunidade social: o justo cuida dos pobres e defende o direito deles (29.14), não tira lucros desonestos e não se associa aos injustos (29.24). Sabedoria e insensatez são aqui qualidades morais e religiosas, identificadas respectivamente com a prática da justiça ou da injustiça: o sábio ou justo obedece a lei (28.4.7; 29.18), pacifica os violentos (29.8) e acalma a ira (29.11).

O *rico e o pobre*. São objetos de muitas considerações. Javé é o protetor do pobre e defensor dos seus direitos através da ação solidária dos justos (29.13-26). Ainda que a pobreza possa ser culpa do pobre (28.19; 29.3) e a riqueza fruto da justiça (28.20), esta

coleção vê a riqueza perigosa, pois acarreta o uso dos meios ilícitos (28. 20-22), como a usura (28.8-16), a exploração (29.4) e o roubo (29.4). Há uma clara preferência pelo pobre, que é até mesmo identificado com o sábio (28.6. 11).

3 ANÁLISE DE PROVÉRBIOS ENQUANTO FIGURAS DE LINGUAGENS

3.1 Provérbios e sua esfera sociodiscursiva

A heterogeneidade constitui uma forma de discurso que se compreende uma leitura dialógica, em que existe mais de uma “voz” no discurso. Não há discurso que seja apenas monólogo, pois toda palavra é dialógica, todo discurso contém outro dentro de si. Silvia Helena Barbi Cardoso classifica os discursos como *heterogeneidade mostrada*.¹¹ Formas de discursos que acusam a presença de um interlocutor recebem o nome de *heterogeneidade mostrada*.

Prosseguindo sua análise, a autora observa que as formações discursivas supõem coletividades de falantes que partilham de um conjunto de enunciados fundadores, os quais constituem verdadeiro tesouro de “sabedoria”. Sem esse tesouro de crenças e verdades, a comunidade não seria o que é. O enunciador desses enunciados intangíveis é um locutor superior que garante a validade da enunciação em que o enunciado fundador é citado. O locutor que cita se transforma, diante desses enunciados, num mero suporte contingente, apagando-se diante do locutor maior.

O trecho acima se refere a uma modalidade discursiva classificada como citação de autoridade, que constitui outra forma de heterogeneidade mostrada, a qual, entre outras modalidades de discurso, inclui também os *provérbios*. A este respeito, vê-se que: “A citação de autoridade também pode chegar ao status de provérbios, e os provérbios não pertencem em particular a certos discursos, e sim à língua”.¹²

Ao citar um *provérbio*, o locutor apenas se posta e, mesmo como um mero transmissor de uma verdade absoluta, fica em segundo plano diante do locutor do *provérbio*.

Exemplo de citação por *provérbio*: [Como podemos censurá-los por não quererem morar com os pais, se, quem casa quer casa?] O locutor responsável toma a “verdade imemorável” do provérbio, quem casa quer casa para dar validade à sua enunciação. “Ele, como locutor, se apaga diante do locutor do *provérbio*”.¹³

¹¹CARDOSO, Silvia Helena Barbi. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 74.

¹²CARDOSO, 1999, p. 80.

¹³CARDOSO, 1999, p. 80.

3.1.1 A Retórica

O discurso retórico compreende uma sequência de ideias que se encadeiam para se obter um resultado almejado. A retórica foi muito importante no passado, considerada como disciplina e estudada como tal.

Desde a antiguidade, o tema retórico provoca interesse nos estudiosos; tanto Aristóteles quanto Platão se interessavam muito por essa arte. Segundo Platão, a retórica não poderia ser ensinada, porque a boa retórica dependia das virtudes do orador. É também de origem platônica a ideia de que a retórica seja algo prejudicial, pois, segundo ele, o que estava no mundo das ideias não servia para a vida prática e, nesse caso, a retórica não condizia com a verdade. Apesar disso, os romanos continuaram com grande interesse nos discursos de persuasão. “[...] Desde os tempos clássicos, passando pelo período medieval, a retórica foi uma disciplina central, ensinada juntamente com a gramática, a dialética, aritmética e geometria”.¹⁴

Durante o Iluminismo, o pensamento a respeito da arte retórica ficou latente; houve muito ataque por parte dos adeptos das “novas ciências”, que queriam abolir a linguagem figurada. Desse modo, a retórica ficou “adormecida” e deixou de ser estudada como ciência, exceto na França, que a manteve como disciplina integrante da grade de ensino, mais especificamente no último ano do curso dos colégios. Em 1836, o *Journal de l’Instruction Publique* notava que “[sem a proteção dos regulamentos universitários,] a retórica na França hoje estaria morta”.¹⁵

Encontramos nos livros, nas gramáticas e nos compêndios em geral várias definições para o vocábulo retórica: arte do bem dizer, ciência dos tropos, etc. “Entre os antigos assim como entre os modernos, a finalidade declarada da retórica é a de ensinar técnicas de persuasão”.¹⁶ Então, para que ocorra a retórica na ação, deve haver argumento e auditório. E, além disso, devem-se considerar as organizações internas e externas do discurso. A retórica implica para sua realização alguns itens, tais como: a organização textual, relação entre o texto, orador, contexto e o referente. “O fato retórico, com o texto retórico, forma a

¹⁴LEACH, Jean. Análise Retórica In: BAUER, W; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 295.

¹⁵DUBOIS, J. et al. *Retórica geral*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1974. p. 15.

¹⁶DUBOIS, 1974, p. 20.

construção na qual as relações sintáticas, semânticas e pragmáticas estão solidariamente estabelecidas e proporcionam uma unidade semiótica global à comunicação retórica”.¹⁷

São compreendidos como partes da retórica os seguintes cânones: a) *Invenção*: - termo que designa a relação que haveria entre o conteúdo e a forma de um discurso, em que seria mais relevante que o conteúdo, o estilo; b) *Ethos* – *forma de argumentação que se baseia na credibilidade que o locutor tem perante seus ouvintes. O ethos diz respeito à imagem do locutor, sua importância, ou mesmo ao teor do discurso, se este é ou não compatível com as verdades que afirma*; c) *Pathos* – relaciona-se ao apelo, à emoção; às vezes o *pathos* não está muito visível no texto. Um bom exemplo do uso deste modo de argumentação está na publicidade; d) *Logos* – radical da palavra lógica, diz respeito à validade dos argumentos, se determinado discurso tem lógica, se condiz com a realidade; e) *Disposição* – maneira como o discurso está organizado, estabelecendo relação com a lógica e formando um conjunto que vai ditar como os textos poderão ser escritos sintática e semanticamente para se obter o resultado almejado e, nesse aspecto, o que vai predominar é a seleção do que vai ser usado no texto, que pronome, que verbo entre outros. É uma combinação entre forma e conteúdo para que haja melhor persuasão.

Coisa e palavra são componentes que se associam para formar o discurso retórico. Coisa equivale ao *invento* que se elabora na mente do locutor. A palavra se associa à *elocutio* que é a verbalização do pensamento. Além disso, sabemos que a oratória ou ato retórico é feito com o intento de persuadir e, para que haja essa persuasão, são necessários três componentes: o *docere*, o *delectere* e o *movere*. Um bom discurso retórico deve intercalar estes três componentes de forma simultânea para que se consiga o fim almejado. Como decorrência, o orador busca atrair, manter, e situar, a favor de sua oratória, a atenção do ouvinte para o conteúdo que ele deseja que seja ouvido.

Há ainda nos discursos retóricos três gêneros: deliberativo, judiciário e demonstrativo, que compreendem conselho, acusação e defesa, elogio ou censura.

O deliberativo está relacionado ao futuro. O judiciário ao passado, embora esteja também relacionado ao futuro, uma vez que é usado para acusar ou defender de algo fatos passados, os quais acabam tendo relação com atos futuros. O demonstrativo ao presente. Com ele elogia-se ou se censura, considerando sempre o estado presente das coisas.¹⁸ Esses três gêneros englobam atitudes que são próprias da natureza humana. Coisas como o útil ou o

¹⁷DIAS, Marieta Prata Lima. *Retórica Aristotélica*. [S.l.] [s.n.], 2005a.

¹⁸DIAS, 2005a.

prejudicial, o justo e o injusto, o belo e o feio são contempladas, respectivamente, pelas três modalidades de gêneros.

O fim proposto do que se aconselha é o útil, o útil é sempre o bem, os bens são necessariamente a felicidade, a justiça, as virtudes da alma (coragem, sabedoria, magnanimidade, mansidão, prudência [...]); as virtudes do corpo (saúde, beleza, prazer); a riqueza, a amizade, as honras, glória, faculdade de falar, talento, memória, facilidade de aprender, vivacidade de inteligência, todas as ciências e artes, o fato de viver, justiça (útil para a vida comum).¹⁹

As matérias do discurso são em número de cinco: “referem aos recursos financeiros, à guerra e a paz e também à defesa do território, às importações e às exportações e, enfim, à legislação”.²⁰ As provas também são cinco: “leis, testemunha, contratos, confissões e deposições criadas no ouvinte leitor”.

Quanto aos modos de se falar para obter a persuasão, temos: *Exemplo*: é um meio fácil de persuadir mediante demonstração simples, o ouvinte cria uma imagem em sua mente. *Entimema* é um silogismo, afirmação baseada em uma forma de discurso que apresenta duas premissas e uma conclusão. A *máxima* é um meio de se falar algo de partilha à opinião geral das pessoas e serve para qualquer pessoa que queira aceitar o argumento. A partir do momento em que se diz uma máxima e lhe acrescenta uma explicação, ela deixará de ser máxima e passará a ser entimema. *Refutação* é o argumento que vem em resposta a um silogismo, combatendo a idéia principal deste. *Amplificação* ou *atenuação* são entimemas que se propõem mostrar a natureza de determinada coisa.

Os assuntos ou referentes para um discurso ou aconselhamento retórico compreendem os ingredientes para a receita de vida perfeita.

3.1.2 Figuras de Linguagem

Estudando a natureza do sentido figurado podemos observar que, apesar de este tema parecer relativamente simples, ainda há muita complexidade envolvendo-o, pois em cada época, teóricos tratam de modo particular o assunto.

Podemos classificar este estudo especificamente em dois momentos marcantes que são a retórica antiga e teorias modernas. Para os antigos, havia a convicção de que cada vocábulo ou expressão correspondia a um único significado. Estudos mostram, porém, que

¹⁹DIAS, 2005a.

²⁰DIAS, 2005a.

em meio a esses conceitos havia discordância; nota-se que para alguns autores este assunto não era bem definido. “Mesmo reconhecendo a existência dos termos próprios, Aristóteles os associa à perspectiva do usuário, isto é, ao ponto de vista que o processo de seleção do vocabulário implica”.²¹

Apesar do reconhecimento das possibilidades do uso das figuras, o bom discurso era aquele que prezava a clareza. No entanto, o uso da clareza não conferia status ao orador, apenas o colocava no âmbito de uma pessoa comum “que sabia fazer bom uso da linguagem”. Conforme observa Brandão, os antigos retóricos classificavam as figuras em três grupos distintos: tropos, figuras de pensamento e figura de palavras.²²

Tropos eram tidos como figuras que davam diferente significação à palavra, sendo a primeira acepção a própria, e a segunda, a figurada. Os termos abaixo correspondem às principais demonstrações de tropos.

- a) Metáfora, designação de relação entre dois sentidos, com base na semelhança dos termos;
- b) Metonímia, relação de correspondência entre duas significações, como uma relação de causa e efeito;
- c) Sinédoque, relação de conexão entre duas significações: a parte está para o todo, assim como o todo está para a parte;
- d) Ironia, figura que diz respeito à relação de contrariedade entre duas significações em que o subentendido está em oposição ao dito. Dá-se a entender justamente o contrário do que se diz.

De acordo com a concepção da antiga retórica, o pensamento e as palavras são entendidos independentes, e o pensamento seria mais importante que a palavra, embora só se torne reconhecido por meio da expressão da linguagem.

Ainda segundo a retórica antiga, *as figuras de pensamento* ocorrem quando se usam as formas de interrogação, negação e dúvida sem um propósito objetivo, ou seja, o de interrogar, negar ou duvidar, pois, a partir do momento em que se usa destes recursos com outro fim que não seja o seu próprio, isso constituirá figura de pensamento. No caso da

²¹BRANDÃO, Roberto Oliveira de. *As figuras de linguagem*. São Paulo: Ática, 1989. p. 13.

²²BRANDÃO, 1989, p. 13.

interrogação, esse fato também se estende às suas referidas respostas, visto que todas as vezes que se dê uma resposta não correspondente semanticamente à pergunta, essa resposta será figura de pensamento.

Por fim, temos as *figuras de palavras*, que de certa forma se relacionam com as figuras de pensamento. Essas figuras se dividem em dois grupos, as gramaticais e as retóricas. As *figuras gramaticais*, também denominadas *metaplasmos*, são mudanças que ocorrem no interior da palavra e, segundo Quintiliano, seriam vícios, se ocorressem por acaso e não se preocupassem de propósito e essas mudanças aconteceriam da seguinte ordem:²³

- a) por aumento no início ou prótese (enamorar/ namorar), no meio ou epêntese (adevogado / advogado), no fim ou paragoge (quere / quer);
- b) por supressão no início ou aférese (stamo/estamos), no meio ou síncope (cuidoso/cuidadoso), no fim ou apócope (mui/muito);
- c) por transposição interna ou metátese (ressabio/ressaibo).

Já as *figuras retóricas* trabalham a relação das palavras na frase; mesmo se usando a palavra como ponto de referência, o que será demonstrado é a relação que há entre as palavras, e essa relação pode ocorrer dos seguintes modos:

- a) por acréscimo (reduplicação, anáfora, polissíndeto, gradação etc.)
- b) por diminuição (assíndeto, zeugma);
- c) por repetição (paranomásia, antanáclase);
- d) por contraposição (antítese, antimetábole).

Como podemos notar, a classificação acima compreende as figuras em seus diferentes níveis semânticos.

As teorias modernas sobre figuras, na verdade, constituem um acréscimo a tudo o que já foi dito sobre o tema pela retórica tradicional, ou seja, os antigos estudos servem de base aos novos. Como bem assinala, a maior contribuição deixada pela retórica clássica foi a “depressão das chamadas figuras de linguagem, conceituação que ainda hoje são aproveitadas”.²⁴ O mesmo autor as conceitua como “aspectos que assumem a linguagem para fim expressivo, afastando-se do valor linguístico normalmente aceito”²⁵ e as apresenta como

²³BRANDÃO, 1989, p. 24.

²⁴CÂMARA JR, J. Mattoso. *Dicionário de Linguagem e Gramática*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 209.

²⁵CÂMARA JR, 1988, p. 166.

podendo ser: de palavras ou tropos (desvio da significação normal dos semantemas); de sintaxe (alteração da estrutura normal da frase; e de pensamento (resultantes de uma “discrepância entre o verdadeiro propósito da enunciação e sua expressão formal”).²⁶

De acordo com Moisés, vê-se que a retórica, a qual entre os gregos (sobretudo Platão e Aristóteles) primava pela busca do convencimento, ligando-se à poética, entre os romanos separa-se desta última “e passa a ser entendida como simples arte de discursar”,²⁷ cultivada principalmente por Cícero e Quintiliano. Nessa tradição, a percepção da existência do sentido figurado baseava-se “na convicção de que a cada vocábulo ou expressão corresponde a um único sentido que lhe é próprio”.²⁸ Embora, na prática da linguagem, essa convicção seja contestada, ela continuava a orientar a análise retórica “e mesmos os estudos contemporâneos que têm nela suas raízes”.²⁹ De fato, já na antiga retórica admitiam-se dificuldades em “organizar todo um elenco de situações em que um termo deveria considerar-se próprio”.³⁰ Marcada pela finalidade prática de convencer, tal retórica procurava estabelecer regras que possibilitassem “o reconhecimento e a produção das figuras”, classificando-as por “suas afinidades de superfícies”.³¹

Na Renascença observa-se um retorno da retórica separada da poética, após sua união predominante na Idade Média. Porém, “com o Romantismo, inicia-se uma campanha de descrédito contra as antigas postulações clássicas, [...] até que, com a nova crítica norte-americana, surgida em 1930. Tendo A. Richards como seu predecessor imediato instalou-se uma nova retórica, de base aristotélica.³² Ela foi largamente difundida entre as novas teorias sobre a linguagem figurada. Compreendia a metáfora como “o confronto de duas ideias”, cuja interação geraria um novo sentido, diferente dos dois termos que a originaram. Essa interação se justificaria pela existência de aspectos comuns.³³ Paul Henlen, por seu lado, em 1966 propõe o binômio *sentido literal* e *sentido figurado* no qual estes dois sentidos relacionam-se a cada um dos termos e à dualidade que formam, retornando, de certa forma, ao conceito aristotélico.

²⁶CÂMARA JR, 1988, p. 166.

²⁷MOISÉS, Massaud. *Dicionários de Termos Literários*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

²⁸BRANDÃO, 1989, p.10.

²⁹BRANDÃO, 1989, p.10.

³⁰BRANDÃO, 1989, p.10.

³¹BRANDÃO, 1989, p.18.

³²MOISÉS, 1982, p. 328.

³³MOISÉS, 1982, p. 328.

A Retórica Geral de Dubois parece “ressuscitar, ainda que em novos moldes, a velha retórica clássica”,³⁴ na qual a metáfora ocupa lugar central. Esse estudo, buscando superar a doutrina clássica da metáfora como “translação” (Quintiliano), contágio que se processa no encontro de significados fixos e independentes, e apresentando-se como uma doutrina moderna, rigorosamente linguística e logicista, afirma que a metáfora não é, propriamente falando, uma substituição de sentido, mas uma modificação do conteúdo semântico de um termo.³⁵ Conclui que a metáfora baseia-se numa identidade real manifesta pela intersecção de dois termos para afirmar a identidade de dois termos na sua totalidade.

Da mesma forma, Brandão, focalizando as teorias modernas das figuras como o conjunto de tentativas de dar novas explicações e antigos fenômenos como figuras, divide-as em dois grupos: as teorias retóricas em torno de alguns pontos comuns à base substitutiva, a palavra como excelência das transformações do sentido e as várias análises setoriais que, ou retomam certos aspectos das teorias retóricas para aprofundá-los, ou a elas se opõem, apoiadas em novas premissas.³⁶

O autor exemplifica as teorias que buscam superar o enfoque retórico das figuras com a teoria do desvio, que vê a figura como um *desvio* de uma *norma*, constituindo num primeiro momento em uma infração ou violação do sistema e, num segundo momento, em uma redução a nova norma. Tal descrição das figuras é apresentada por Brandão como restrita ao domínio semântico: num primeiro momento, os termos comparados apresentam uma incompatibilidade semântica, a qual, posteriormente, é recuperada, numa atribuição de outro sentido que lhes [aos termos] seja pertinente; o maior representante dessa teoria é Jean Cohen.³⁷

Outra teoria moderna apresentada por Brandão é a representada por Tzvetan Todorov, cuja análise da linguagem figurada divide-se em duas partes: uma primeira em que ele volta à tradição retórica das figuras para detectar seus fundamentos, outra, em que ele propõe um ensaio de classificação, cujo principal critério consiste em ver as figuras como “desvios” a uma regra explícita da linguagem, analisando as figuras como anomalias linguísticas, nas quais se incluem a metáfora e a metonímia como anomalias semânticas, de carácter combinatório; este mesmo grupo inclui a personificação.³⁸

³⁴DUBOIS, 1974, p. 20.

³⁵MOISÉS, 1982, p. 330.

³⁶BRANDÃO, 1989, p. 27.

³⁷BRANDÃO, 1989, p. 28.

³⁸BRANDÃO, 1989, p. 41.

3.1.3 Metáfora

Sabendo da importância da linguagem figurada no cotidiano, na arte literária e na poética, principalmente a metáfora e a metonímia, procuramos fazer uma reflexão sobre o tema.

Desde a Antiguidade, a metáfora exerce certo fascínio sobre a humanidade, pois esta noção de que a metáfora é transmissora de um sentido para outro, vem desde a Grécia antiga. Estudos comprovam que sua presença é marcante em todas as áreas do discurso, desde textos poéticos até mesmo alguns artigos científicos que usam desse artefato para transmitir a mensagem. O emprego da linguagem metáfora pode ocorrer sob os mais diferentes prismas, como podemos observar no seguinte fragmento da letra da música “Meu Caro Amigo”, escrita durante a época da ditadura militar. O compositor tentava se comunicar com um amigo seu exilado e, não havendo outro meio, devido à repressão que afligia o país naquela época, usou dos seguintes versos:

[...] Aqui na terra tão jogando futebol Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol Mas o que eu quero lhe dizer é que coisa aqui
tá preta [...] E a gente vai tomando, que, também, sem cachaça ninguém segura esse
'rojão'.³⁹

Como se pode perceber, o autor usou de artifícios metafóricos para se comunicar com alguém com o qual não poderia usar a linguagem no sentido literal (“ninguém segura esse rojão”).⁴⁰ A princípio, julga-se interessante falar apenas em metáfora, mas convém citar algo sobre metonímia e sinédoque dando mais ênfase à primeira, sendo que alguns autores consideram a sinédoque, como um caso de metonímia. É importante mencionar alguns trechos sobre o assunto. O próprio Dubois, aceita a idéia de que metonímia e sinédoque são equivalentes: “[...] tudo o que dissemos da sinédoque envolve boa parte dos casos da metonímia [...]”.⁴¹ Acrescenta ainda que, desse modo, não haveria grande diferença entre metonímia e sinédoque; num e noutro caso a coisa recebe o nome de outra coisa com a qual se encontra em contato.

Enquanto que para Câmara Jr. a metonímia abrange a sinédoque, Guimarães e Lessa vêm na metonímia uma relação de contigüidade entre os termos e na sinédoque uma relação

³⁹BUARQUE, Chico; HIME, Francis. *Meu Caro Amigo*. [S.l.]. Fonogram. 1976. 1 LP.

⁴⁰BUARQUE, 1976, 1 LP.

⁴¹DUBOIS, 1974, p. 21.

de extensão desigual. Dentre outros exemplos citados por esses dois autores, podemos destacar:

- a) Exemplo de metonímia: “Sou alérgico a cigarro”, (fumaça) a causa pelo efeito; “O amor não vê defeitos”, (aquele que ama) o abstrato pelo concreto; “Ele não tem cabeça”, (inteligência) o concreto pelo abstrato. “Gosto de ouvir Mozart” (a obra de Mozart), o autor pela obra.⁴²
- b) Exemplos de sinédoque: “Não dá para viver sem um teto”, (casa) a parte pelo todo. “O homem é um destruidor por excelência”, (os homens) o singular pelo plural.⁴³

Estes simples exemplos são para introduzir o estudo destas figuras, tal como se daria em sala de aula e que vai ser retomado na análise do *corpus* deste trabalho. Também será compartilhado com a idéia dos autores que preferem falar em metonímia, como um processo maior de substituição de um termo por outro com base em uma relação objetiva, subentendendo que aí se incluem os casos que poderiam ser considerados como sinédoque.

Por outro lado, talvez pelo fato de a metáfora ser a representante mais significativa da linguagem figurada, alguns teóricos generalizam o desvio de linguagem do sentido liberal para o sentido figurado apenas como metafórico. O que se pode afirmar, contudo, é que a metáfora é criada pelo emissor, seu processo ocorre de maneira interna, enquanto na metonímia o processo é externo, pois a relação que acontece entre aquilo que os termos significam é verificável na realidade externa ao sujeito que estabelece tal relação. Câmara Jr. assim opõe essas figuras: “[...] ao contrário da metonímia, [a metáfora] não se fundamenta numa relação objetiva entre significação própria e figurada, mas, sim, numa relação toda subjetiva criada no trabalho mental de apreensão”.⁴⁴

Assim, a metonímia é a figura de palavra que consiste na substituição de um termo por outro, em que a relação entre os elementos que esse termo substitui não depende exclusivamente do indivíduo, mas da ligação objetiva que esses dados mantêm na realidade. Se a metáfora pode ser considerada como a grande representante da linguagem conotativa, ao seu lado está a metonímia. Assim afirma Michel Le Guern. Os tropos ou se preferir, o uso do

⁴²CÂMARA JR, 1988, p. 22.

⁴³GUIMARÃES, Hélio Seix de; LESSA, Ana Cecília. *Figuras de linguagem*. 12. ed. São Paulo: Atual, 1992. (Coleção Tópicos de Linguagem). p. 27.

⁴⁴CÂMARA JR, 1988, p. 22.

sentido figurado pode reduzir-se em sua maioria em duas grandes categorias:⁴⁵ A metáfora e a metonímia. Ele define assim: A retórica tradicional classifica a metáfora entre os tropos que, segundo a definição de DuMarsais, era a figura por meio da qual uma palavra toma um significado que não é propriamente o significado preciso dessa palavra.

Quando à metonímia, diz ao autor, “Metonímia, s.f., termo de retórica. Figura por meio da qual se coloca uma palavra em lugar de outra cujo significado dá a entender”.⁴⁶ Neste sentido geral a metonímia seria um nome comum a todos os tropos; porém reduz-se aos seguintes:

- a. causa pelo efeito;
- b. efeito pela causa;
- c. o continente pelo conteúdo;
- d. nome de lugar ou coisa pela própria coisa;
- e. o signo pela coisa significada;
- f. o nome abstrato pelo nome concreto;
- g. as partes do corpo consideradas como albergues dos sentimentos e das paixões, por essas paixões e nos sentimentos;
- h. o sobrenome dos donos da casa pela própria casa; o antecedente pelo conseqüente.

Na *Retórica Geral*, J Dubois e outros dizem que a metáfora não é apenas uma substituição de sentido, mas uma modificação do conteúdo semântico, e acrescentam que a metáfora é o produto de duas sinédoques, a idéia metafórica é a intersecção dos semas existentes entre duas sinédoques.⁴⁷ Consideram que, formalmente, a metáfora se liga a um sintagma onde aparece contraditoriamente a identidade de dois significantes e a não-identidade de dois significados correspondentes.

Esse desafio à razão (linguística) suscita um movimento de redução pela qual o leitor procurará validar a identidade.

A linguagem-metáfora está à disposição do falante, que lança mão de seu poder de formular sentenças e externá-las, por meio da linguagem articulada. Para Cohen, o criador e o apreciador de uma metáfora se aproximam de forma singela, e isso envolve três aspectos: (1)

⁴⁵LE GUERN, Michel. *La Metáfora y La metonímia* 5. ed. Madrid: Cátedra, 1990. p. 13.

⁴⁶LE GUERN, 1990, p. 13.

⁴⁷DUBOIS, 1974, p. 151.

o falante emite um tipo de convite oculto; (2) o ouvinte despende um esforço especial para aceitar o convite; e (3) a transação constitui o reconhecimento de uma comunidade. Em outras palavras, reconhecer essa comunidade seria a interpretação propriamente dita dos semas comuns de uma palavra, tanto na forma quanto o conteúdo.⁴⁸

Seria incoerente falarmos sobre a metáfora e não mencionar o seu poder retórico. Booth cita uma metáfora “poderosa” para falar sobre o assunto. “Um advogado está defendendo uma causa e diz para o júri: – Agora eu vejo claramente, eles nos colocaram na posição que queriam. Enquanto nos seguram com uma mão, a faca afiada na outra, eles dizem: fica quieto bagrezinho, nós só vamos arrancar suas tripas”.⁴⁹ Ao usar tal metáfora para ilustrar seu raciocínio, Booth demonstra que, para sabermos o poder que uma metáfora tem como retórica, temos que considerar o contexto em que ela se encontra. O autor da metáfora poderia usar palavras no sentido primário, como por exemplo: “Nós vamos ganhar a causa”. Mas, ao usar o recurso simbólico, o advogado valeu-se de um recurso que, segundo Booth, Aristóteles e outros filósofos chamariam de energia.⁵⁰

Ao criar uma metáfora, o falante elabora ou tenta elaborar um *ethos*, com a intenção de obter credibilidade absoluta. Aliás, esse *ethos* ocorre de qualquer maneira na comunicação, mesmo sem o uso de linguagem conotativa. Porém, ao desviar o sentido da metáfora para defender seu ponto de vista, o falante estará usando-a com retórica.

Sobre esse assunto, Man cita o trecho do famoso discurso de Locke, filósofo iluminista que “ataca” a linguagem figurada.⁵¹ Já que o engenho e a fantasia encontram maior receptividade no mundo do que a verdade árida e o conhecimento real, as falas e as alusões dificilmente são reconhecidas como uma imperfeição ou abuso da linguagem.

[...] Contudo, não posso deixar de observar como a preservação e progresso da verdade e do conhecimento pouco importam e preocupam a humanidade, já que as artes da falácia são valorizadas e preferidas [...]. E é inútil apontar defeitos nessas artes da ilusão quando os homens se comprazem em serem iludidos.⁵²

Conforme observou Man, o próprio Locke usou linguagem figurada para elaborar o seu discurso. Locke usou termos conduto que podem corromper às fontes do conhecimento.

⁴⁸COHEN, Ted. A metáfora e o cultivo de intimidade. In: SACKS, Sheldon (Org). *Da metáfora*. São Paulo: Educ/Fontes, 1992. p. 13.

⁴⁹BOOTH, Wayne C. A metáfora como retórica: o problema da avaliação In: SACKS, 1992. p. 55.

⁵⁰BOOTH, 1992, p. 55.

⁵¹MAN, Paul de. A epistemologia da metáfora. In: SACKS, 1992, p. 21.

⁵²MAN, 1992, p. 21.

E, diz Man, Locke valeu-se da locução tropológica mesmo sem dar-se por isso.⁵³ Apesar de os discursos retóricos usarem muito os tropos para serem convincentes, não é necessário ser um retoricista para conceber uma metáfora, pois este recurso é acessível a todos os indivíduos, ou a quase todos.

Diz Swanson: “uma criança é um pequeno cientista que põe à prova inúmeras formas de conhecer o mundo. Uma caixa ou cestinho de lixo podem servir como botas, um prato fundo pode ser um chapéu, um brinquedo em forma de anel é uma rosquinha”.⁵⁴ Porém, apesar de percebermos a metáfora por associações visuais, pela troca de sentido dos objetos, sabemos que seu grande poder ocorre mesmo por meio das frases que se articulem, e temos encontrado variados exemplos disso, desde textos religiosos até aos poéticos que se valem desse recurso; seja como simples ornamento ou mesmo, como meio retórico. A metáfora está presente na linguagem humana.

3.2 Análise de Corpus

Neste item, foi feita a análise da amostra selecionada dos *Provérbios*, observando algumas figuras de linguagem que podem aí ser encontradas. Vale ressaltar que, pela própria natureza do tema, ligada à subjetividade, o presente levantamento não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas busca apontar palavras e expressões empregadas em sentido figurado no texto para facilitar sua compreensão pelos alunos e levar estes a identificar as figuras de linguagem.

Assim, buscamos algumas figuras tradicionalmente agrupadas como figuras de palavras ou tropos e figuras de pensamento: nas primeiras, as palavras são empregadas com sentido diferente do convencional e, nas segundas, o desvio de sentido que se dá já na intenção do falante, não na expressão, mas anteriormente, no próprio processo de elaboração mental da expressão.⁵⁵

Em Câmara Jr as figuras de palavras relacionam-se à significação do semantema, desviando-o da significação normal, enquanto que as figuras de pensamento decorrem de uma discrepância entre o verdadeiro propósito da enunciação e a sua expressão formal.⁵⁶

⁵³MAN, 1992, p. 21.

⁵⁴SWANSON, Don R. Rumo a uma psicologia da metáfora. In: SACKS, 1992, p. 163.

⁵⁵GUIMARÃES; LESSA, 1992, p. 27.

⁵⁶CÂMARA JR, 1988, p. 116.

Destes tipos de figuras, receberão destaque na presente análise: a metáfora, a comparação metáfora ou símile e a metonímia (figuras de palavras), além da personificação (figura de pensamento).

3.2.1 Metáforas

Considera-se oportuno, neste ponto, lembrar que a metáfora consiste no confronto de duas idéias, cuja interação gera um novo sentido, diferente de cada um dos termos comparados. Essa interação se justifica pela existência de aspectos comuns entre os dois membros comparados.⁵⁷ Segundo Dubois, ela se baseia numa identidade real manifesta pela intersecção de dois termos na sua totalidade.⁵⁸ Podemos dizer, ainda com Moisés, que a metáfora se monta em torno de uma comparação.⁵⁹

Além disso, pode-se observar a universalidade da metáfora, uma vez que toda palavra apresenta ao mesmo tempo um índice denotativo e um conotativo.⁶⁰ Levando em conta este fato, foram usados, no presente estudo, apenas as metáforas originais, encontradas no texto em análise como inéditas ou, pelo menos, pouco frequentes. Assim, não detivemos a análise em todas as palavras ou expressões que apresentam certo grau de metáfora, a qual faz parte da comunicação verbal, como um processo básico desta,⁶¹ estando implicada no ato de procurar traduzir em palavras os nossos pensamentos e sensações.⁶²

Relacionada a este ponto, vê-se também a observação de Câmara Jr. de que a metáfora só existe quando o termo tem a significação própria nitidamente distinta da do termo que é substituído.⁶³ Quando figura sistematicamente numa expressão com idiotismo, perde a força evocativa, porque o termo, princípio metafórico, está idiomáticamente imposto na expressão, o autor exemplifica com a expressão “cabeça de alfinete”, que apresenta uma fossilização da primitiva significação metafórica. Convém, desta forma, ressaltar que no trabalho não se analisou como metáforas várias palavras ou expressões cujo sentido metafórico, por ter sido muito usado, acabou se desgastando, tendo já sido dicionarizado, tais como “penetração” (cap. 2 v. 3) inteligência, sagacidade: “acolheres” [minhas palavras] (cap. 2, v. 1) dar ouvidos a, considerar e “guardares” [meus preceitos] (cap.2, v.1) cumprir,

⁵⁷RICHARDS *apud* MOISÉS, 1982, p. .

⁵⁸DUBOIS *apud* MOISÉS, 1982, p. .

⁵⁹MOISÉS, 1982, p..

⁶⁰MOISÉS, 1982, p..

⁶¹MOISÉS, 1982, p..

⁶²MOISÉS, 1982, p..

⁶³CÂMARA JR, 1988, p. 166.

observar; “sã” [a doutrina] (cap. 4,v.2) sem efeito, justo, razoável; “estendeste a mão” (cap.6 v.1) pediste ou oferecestes ajuda; “fruto” (cap.13, v.2) consequência; “ombreira” (cap.18, v.1) equipara-se “caminho” (cp.19, v.3) direção, rumo; [chuva] torrencial (cap.28,v.3) impetuosa, abundante (torrente = água abundante, violenta); “guerra” (cap.28,v.4) oposição; “geme” (cp.29, v.2) sofre, padece; “escudo” (cap.30, v.5) proteção, defesa; [aquelas que] perdem [os reis] (cap.3, v.3) causam a ruína moral, e inúmeras outras.

Câmara Jr. ressalta, ainda, que a relação estabelecida entre os termos da metáfora tem caráter subjetivo e que esta figura tem “uma função expressiva, que é pôr em destaque aspectos que o termo próprio não é capaz de evocar por si mesmo”.⁶⁴ Outro aspecto importante da metáfora consiste em que ela é uma comparação abreviada, como dizia Quintiliano, comparem-se dois termos, explícitos ou não, sem, contudo explicitar o nexo da comparação.⁶⁵

Convém notar, também, que esta análise aplica-se às palavras e frases da edição adotada para este fim, e que, portanto, em outras edições e traduções podem haver – de fato há – ligeiras diferenças na escolha de palavras ou na construção frasal, que não chegam a modificar o sentido do texto, mas poderiam alterar a qualidade da linguagem figurada. Além disso, observa-se que a acentuação gráfica dos textos apresentados segue as regras que estão vigentes.

Quanto ao sentido próprio das palavras que, no texto, aparecem com sentido figurado, foi buscado, quando necessário, no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*,⁶⁶ e no Aurélio Século XXI.⁶⁷ Na amostra (15% do total) do *corpus*, observa-se as metáforas abaixo, constantes nos *provérbios* referenciados.

1) “Oxalá a bondade e a fidelidade não se afastem de ti! Ata-as em teu pescoço, grava-as em teu coração” (3.3). Metáfora: ata-as em teu pescoço. Atar (prender, amarrar) a bondade e a felicidade ao pescoço: usá-las como se fossem um adorno, não deixá-las, não perdê-las. Não deixar é a característica comum entre os termos comparados. Portanto, bondade e felicidade = adorno.

⁶⁴CÂMARA JR, 1988, p. 166.

⁶⁵QUINTILIANO *apud* MOISÉS, 1982, p. .

⁶⁶FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1999.

⁶⁷FERREIRA, 1999.

2) “grava-as em teu coração”. Gravar (esculpir com cinzel, ponteiro em pedra, em mármore, entalhar em madeira); fixar, reter. A permanência é o aspecto comum entre os sentidos dos termos. Portanto, bondade e felicidade são algo passível de ser esculpido.

3) “Porque os lábios da mulher alheia destilam o mel, seu paladar é mais oleoso que o azeite” (5.3) *Destilar* (passar uma substância diretamente do estado líquido para o gasoso e, depois, do líquido obtido por condensação do vapor, deixar cair gota a gota);

4) *Mel* (substância doce; suco espesso e doce; suavidade): os lábios da mulher alheia dizem aos poucos palavras com doçura, atraentes. No ponto 3 (destilam), a característica comum está no fato de oferecer aos poucos, devagar, na segunda (mel), o elemento comum está na doçura. Portanto, lábios femininos são iguais a fabricante de doçura.

5) “Seus pés se encaminham para a morte, seus passos atingem a região dos mortos” (5.5). Metáfora: “*Seus pés se encaminham, seus passos atingem*”. Seus pés se encaminham (= dirigem-se): [a mulher alheia] tende para o fim, para a perdição. Elemento comum: tende para a perdição. Portanto, mulher alheia é igual à má direção, morte, região dos mortos. Seus passos (= ato de deslocar o ponto de apoio do corpo de um pé para o outro, por meio de movimento para frente, para trás ou para os lados): suas ações, seu modo de agir, seu comportamento de mulher leviana levam-na à perdição. A característica que está na intersecção entre os sentidos é a tomada de rumo.

6) “Se te ligaste com as palavras de lábios, se ficaste cativo com tua própria linguagem” (6.2). Metáfora: *se te ligaste* (= se te apertaste, pretendeste, ataste): se te comprometeste pela tua palavra. A característica comum é a ligação, a aderência entre as partes.

Metáfora: *ficaste cativo* (se te fizeste prisioneiro; seduzido, atraído; dominado, sujeito escravo): se tiveres ficado comprometido, subjugado [por algo que tenha dito]. A intersecção entre os termos consiste na idéia de ser dominado, ligado por obrigação. Portanto, palavra falada é igual a compromisso assumido.

7) “Faze, pois, meu filho, o que te digo: livra-te, pois que caíste nas mãos de teu próximo” (6.3). Metáfora: *cair nas mãos*. (= ato de ir ao chão por desequilíbrio; no poder de, à mercê de, à disposição de, na dependência de) comprometer-se ficando na dependência [de alguém]. A idéia de entrar na esfera do comando [do próximo] é a característica comum entre os termos. Portanto, palavra comprometida é ficar sob o comando de outrem.

8) “Não concedas sono aos teus olhos” (6.4). Metáfora: *sono aos olhos*, não permitir inatividade temporária da vontade e da consciência. Aos olhos, órgão par em forma e globo da percepção operada pela visão: não ficar despreocupado, sem atividades; agir. O elemento comum entre o sentido próprio e o figurado consiste na ausência de atividade e preocupação.

9) “*Nem repouso à tuas pálpebras*” (6.4). Metáfora: repouso às pálpebras, ausência de movimento, de tensão ou agitação nas pálpebras, cada uma das pregas móveis, uma superior, e outra inferior, dotada de cílios, que protege a superfície anterior de cada globo ocular. O sentido é o mesmo apontado na análise da metáfora acima, bem como o elemento comum. Portanto, dormir, ficar sem controle da situação.

10) “Guarda meus ensinamentos como a pupila de seus olhos. Traze-os ligados aos teus dedos, grava-os em teu coração” (7.3). Metáfora: *ligados aos dedos*, que se ligou a um dos prolongamentos articulados que terminam os pés e as mãos; estar junto de, pegado, unido; segurá-los, não deixá-los escapar.. O elemento de intersecção é a retenção. Portanto, ensinamento, anel, aliança, (sabedoria, inteligência).

11) “Para que elas te guardem da mulher alheia, da estranha que tem palavras lúbricas” (7.5). Metáfora: *palavras lúbricas*: escorregadias, que fazem escorregar; suas palavras fazem escorregar para a sepultura, para a perdição, como se vê também pelo contexto. O ato de fazer cair (21, 25, 27) é a característica comum que determinou a metáfora. Portanto, palavras proferidas pela mulher alheia fazem escorregar, cair facilmente.

12) “A sabedoria edificou sua casa, talhou sete colunas. Imolou seus animais, e preparou seu vinho, e dispôs a mesa. Enviou servas, para que anunciassem nos pontos mais elevados da cidade: Quem for simples apresente-se! Aos insensatos ela disse: Vinde comer o meu pão e beber o vinho que preparei, deixai a insensatez e vivereis, andai direito no caminho da inteligência!” (9.1-6). Metáfora: O trecho todo, juntamente com o capítulo 8.1-5, constitui uma metáfora, expressando a idéia de que a sabedoria se oferece aos “simples”, aos “insensatos”, ela convida essas pessoas (enviou servas para que anunciassem) a participar de sua mesa, móvel, comumente de madeira, sobre o qual se come, trabalha, a alimentação, o sustento, a qual ela *dispôs*, já preparou. Para isso basta que eles se apresentem; sejam presentes, compareçam. Venham (vinde). A intersecção entre o sentido literal e o sentido metafórico está na idéia do convite, chamada, oferecimento e aceitação do mesmo. Portanto, convite da Sabedoria para banquete (preparado com animais, pão e vinho), aceitação irrecusável.

A seguir, apresentaremos algumas palavras e expressões do trecho em pauta em que se verificam metáforas, as quais se inserem nesta metáfora maior e que mantêm e confirmam este sentido.

a) A Sabedoria edificou sua casa, talhou sete colunas.

Metáfora: *edificou*, construiu, levantou sua casa, “edifício destinado à moradia, habitação”; fez os preparos necessários para acolher quem aceitasse seu convite. O elemento comum está na idéia de construção, preparação com o fim de acolher. Portanto, casa pela Sabedoria é moradia de todos que deve ser aceita.

b) Metáfora: *Talhou*, deu ou fez um talho em; cortou; gravou, esculpiu. *Sete colunas*: sete pilares que sustentam abóbadas, que servem de ornato: edificou ou ornamentou sete pilares para sua casa. O elemento comum é o mesmo que da metáfora anterior. O número sete em hebraico significa aliança com Deus, e o *sabbat*. Portanto, morar em casa talhada com sete colunas é viver apoiado nos pilares, colunas da aliança com Deus.

c) Metáfora: “Imolou seus *animais*, preparou seu vinho [...] *comer o meu pão e beber o vinho que preparei*” (9.1-6). Todos os termos assinalados têm um sentido denotativo de alimento, alimentação (toda substância que, ingerida por um ser vivo, o alimenta ou nutre; mantimento, sustento; que faz subsistir) e um conotativo de aquilo que mantém vivo, que faz viver. Elemento comum: substância vida. Assim é a carne dos “animais”, o “pão” e “vinho” oferecidos pela sabedoria, o que é reforçado no v.6: deixai a insensatez e vivereis. Portanto, comida preparada pela Sabedoria, manutenção da vida.

c) “A balança fraudulenta é abominada pelo Senhor, mas o peso justo lhe é agradável”. (11.1)

Metáfora: *a balança fraudulenta*, o instrumento com que se determina a massa ou o peso dos corpos, em que há fraude, abuso de confiança, adulteração; uso de falsificação com o fim de lesar ouro. O ponto comum está na idéia do uso proposital de algo que permite o roubo. Portanto, bonança fraudulenta é mentira.

Metáfora: *peso justo* é o mesmo que sólido metálico que serve para avaliar na balança a massa de um corpo, usado com honestidade, sem fraude. Atitude justa, honesta, sem mau propósito. A intersecção entre o sentido próprio e figurado consiste na honestidade, isenção de má fé. Portanto, peso justo é o mesmo que verdade.

d) “A justiça do homem íntegro *aplanar-lhe o caminho*, mas o ímpio se abisma em sua própria impiedade”. (11,5)

Metáfora: *aplanar*: ato de nivelar, achatar, aplinar o caminho; tirar as dificuldades, facilitar a vida. O elemento comum está em tirar os desníveis, as dificuldades.

Metáfora: *Caminho*: estrada, percurso de um ponto a outro: a vida, percurso do homem na vida terrena. A característica comum que proporciona a metáfora é a idéia de percurso.

Metáfora: (o ímpio) *se abisma* (em sua própria impiedade), lança-se, precipita-se no abismo; precipício, situação difícil. Perde-se, cai em uma situação complicada, de difícil retorno. Elemento comum: lugar ou situação da qual é difícil sair. Portanto, caminho plano é vida mais fácil (do homem que é íntegro); abismo, situação de vida difícil (do homem que é ímpio).

e) “Não se firma o homem pela impiedade, mas a *raiz* dos justos não será abalada”. (12.1)

Metáfora: *raiz*, estrutura de uma planta; base, fundamento. Os justos não serão removidos, seus fundamentos são firmes. A intersecção entre o sentido literal e o sentido figurado está na firmeza, na base fixa. Portanto, *raiz*: firmeza (de caráter) do homem que é justo.

f) “Uma mulher virtuosa é a coroa de seu marido, mas a insolente é como a cárie nos seus ossos” (12.4).

Metáfora: uma mulher virtuosa é a coroa de seu marido (ornato circular que cinge a cabeça como sinal de dignidade, vitória, poder); a mulher virtuosa é o orgulho do marido por ter dignidade. A característica comum entre os elementos comparados, mulher virtuosa e coroa, consiste em que ambos conferem dignidade. Nota-se que, neste caso, estão presentes na frase os termos corteados, “mulher virtuosa” e “coroa de seu marido”, embora falte a expressão do nexos entre elas. Portanto, coroa é símbolo de dignidade.

g) “a Senhora Sabedoria edifica sua casa, a Senhora loucura destrói a sua com as próprias mãos” (14.1).

Metáfora: *casa*: habitação, moradia, lar, família; com sabedoria o homem constrói sua vida, sua habitação da alma, ao passo que, com loucura (fala de sabedoria), ele a destrói.

O elemento comum consiste na ideia de habitação. Portanto, casa da Sabedoria é habitação segura, [do homem justo] local de reflexão.

h) “As palavras da boca de um homem são águas profundas, a fonte da sabedoria é uma torrente transbordante”. (18.4)

Metáfora: As palavras da boca de um homem encerram mistério, constituem algo desconhecido, misterioso no fundo, ou seja, podem conter um mal ou perigo invisível. O aspecto comum é o mistério, a dificuldade de acesso. Na Bíblia, os poços, as nascentes e as fontes desempenham um papel essencial de local sagrado onde se dão encontros providenciais (onde se efetuam uniões, alianças e pactos).⁶⁸ Portanto, palavras do homem é imersão na grande aliança com a providência.

Metáfora: a fonte da sabedoria é uma torrente transbordante, (nascente, a origem da sabedoria é um curso de água abundante e que se derrama das bordas), a sabedoria é acessível à visão, é farta, generosa e não tem mistério. A intersecção entre os termos comparados consiste na superficialidade, no estar à vista. Fonte de sabedoria é local santo, sagrado.

i) “Água profunda é o conselho no íntimo de um homem, o homem inteligente sabe haurir dela”. (20.1)

Metáfora: *Água profunda é o conselho no íntimo de um homem, o homem inteligente sabe haurir dela.* (água que está na profundidade, inacessível à vista); os desígnios do homem são misteriosos. A intersecção está no aspecto de oculto à vista, ao exame.

Metáfora; *haurir* (tirar para fora de lugar profundo; extrair, beber, sorver); o homem inteligente consegue desvendar, compreender os propósitos, os motivos que estão no íntimo do homem. O elemento comum entre os sentidos denotativo e conotativo está no trazer para a vista, desvendar, entender. Então, água profunda é entendida como mistério da união do homem com Deus.

Saber haurir da [água profunda], saber entender os conselhos divinos.

j) “O coração do rei é água fluente nas mãos do Senhor, ele o inclina para qualquer parte que quiser”. (21.1)

Metáfora: *O coração do rei é água fluente.* O coração (órgão muscular situado na cavidade torácica, que recebe sangue e que o bombeia; tomado na Bíblia como a sede dos

⁶⁸BENOIST, Luc. *Signos símbolos e mitos*. Lisboa: Edições 70, 1999.

sentimentos e propósitos do homem) do rei é água fluente (que corre naturalmente) nas mãos do Senhor: ambos podem ser inclinados, direcionados pelo poder de Deus; são maleáveis para o Senhor. O coração é fonte de inteligência baseada na intuição; local divino. Também neste caso, comparecem explicitados os dois termos comparados: coração e água. O sentido de coração de rei são as decisões do rei, decisões do Senhor.

l) “Os caminhos do homem parecem retos aos seus olhos, mas cabe ao Senhor pesar os corações”. (21.2)

Metáfora: *Os caminhos do homem parecem (...)*. Os caminhos, estrada, percurso de um ponto a outro; rumo, direção, atitudes, decisões, rumos adotados parecem corretos.

Metáfora: cabe ao Senhor *pesar os corações*. Cabe ao senhor *pesar*: determinar o peso; medir; qualificar; avaliar o peso de, julgar os corações, os propósitos. Elemento comum: avaliar. Portanto, caminhos do homem são decisões humanas.

m) “Olhares altivos ensoberbecem o coração, *o luzeiro dos ímpios é o pecado*”. (21.4)

Metáfora: *O luzeiro dos ímpios é o pecado*. O luzeiro (qualquer coisa que emite luz, que trilha; farol) dos ímpios: o que lhes mostra a direção, que lhes serve de guia é o pecado; eles seguem o rumo do pecado, se atraem pelo pecado. A característica comum entre o sentido literal e o figurado de luzeiro consiste na idéia de direção apontada. Luzeiro, portanto, é guia, é direcionador.

n) “Espinhos e laços há no caminho do perverso”. (22.5)

Metáfora: excrescências duras e pontiagudas, dificuldades, embaraços, aflições. A característica comum entre a significação denotativa encontra-se no fato de causar dor e sofrimento.

Metáfora: [espinhos e] laços [...] (nó que se desata sem esforço; armadilha de caça; aliança, vínculo; estratégia, traição): armadilhas, embaraços. Elemento comum: ato de prender. Espinhos e laços, são dor que ata, enrola, prende.

o) “Quando te sentares à mesa com um grande, considera com atenção quem está diante de ti”. (23.1)

Metáfora: a frase toda (quando estiveres sentado com um rico e/ ou poderoso, avalia-o com sabedoria): quando estiveres perto de um rico, julga-o com sabedoria, sem valorizá-lo

pela riqueza e pelo poder. O elemento comum entre as significações está na proximidade física. Grande é homem rico e/ou poderoso.

p) “Põe uma faca na tua garganta se tu sentes muito apetite”. (23.2)

Metáfora: *põe uma faca na tua garganta* (põe um instrumento cortante constituído de lâmina e cabo) na garganta: impede-te de comer. A intersecção entre as idéias está no corte: colocando uma faca na garganta, ela impedirá a deglutição sob pena de cortar a garganta. Além disso, pode-se perceber o sentido metafórico da frase toda: refreia o apetite (desejo) pelas riquezas; tal sentido é reforçado pelo contexto: “Não cobices seus manjares que são alimentos enganosos”. Não desejes aquilo que o rico poderia te oferecer, pois constitui engano. Faca na garganta tem o sentido de fome.

q) “O homem que adula seu próximo estende redes aos seus pés”. (29.5)

Metáfora: o homem que adula (lisonjeia, gaba só por interesse próprio) seu próximo *estende uma rede* (armadilha) para os pés deste: prende-o com lisonja; por causa da vaidade, o “*próximo*” prende-se ao adulator e faz sua vontade. Aqui, os termos comparados são os dois predicados: adula seu próximo e estende redes aos seus pés; a intersecção está na idéia de prender, segurar. Portanto, adular é elogiar sem merecimento; organizar cilada para o outro.

3.2.2 Comparação ou Símile

Vale lembrar, aqui, que a comparação é uma “construção sintática de dois membros, em que um é posto em cotejo com o outro, definindo-se em função do que se sabe desse outro”.⁶⁹ Segundo Moisés, “quando o cotejo se realiza entre dois elementos da mesma natureza, temos a comparação pura e simples. Quando a analogia se efetua entre seres ou objetos distintos, temos o *símile*”.⁷⁰ É apenas esse tipo de comparação que interessa para esse trabalho, por ser figura de linguagem. Entre os dois elementos vem o advérbio de modo: *como*, *assim como* etc., relacionando-os. Guimarães e Lessa chamam o *símile de comparação metafórica*, pois ele depende do sujeito que o enuncia, é subjetivo tal qual a metáfora, distinguindo-se desta por explicitar o conectivo comparativo.⁷¹

- “Se tu apelares à penetração, se invocares a inteligência, buscando-a como se procura a prata, então se a pesquisares como um tesouro” (2.3-4).

⁶⁹CÂMARA JR, 1988, p. .

⁷⁰MOISÉS, 1982, p..

⁷¹GUIMARÃES; LESSA, 1992, p. .

Comparações: usando (a inteligência) como se procura a prata, pesquisares (a inteligência) como um tesouro. Pode-se observar que o conectivo *como* eleva o nível do empenho que se deve ter na busca da inteligência ao mesmo que se tem na busca da prata, de tesouro; são comparações, metafóricas, pois colocam em igualdade termos de universos diferentes.

- “*Seu paladar é mais oleoso que o azeite*” (5.3).

Comparação: *Seu paladar é mais oleoso que o azeite*. O consecutivo *mais que* estabelece a superioridade do paladar em relação ao azeite: é mais macio, mais agradável. Aproximam-se elementos de naturezas diversas.

- “No fim, porém, é amarga como o absinto, aguda como a espada de dois gumes” (5.4).

Comparação: [...] *é amarga como absinto* [...]: comparação de igualdade, que se estabelece pelo conectivo *como*, entre a mulher alheia (5.3) e o absinto (erva aromática européia, de propriedades amargas): ambas trazem amarguras; são termos de universos diferentes, caracterizando a comparação metafórica. A expressão (a mulher alheia) é amarga contém uma metáfora: ela traz amargura, sofrimento; o aspecto comum é o amargo.

Comparação: (*a mulher alheia*) *é aguda como a espada de dois gumes*. Temos aqui outra comparação de igualdade, estabelecida por *como*, conectivo muito frequente nos *Provérbios*. A comparação metafórica iguala termos de diferentes naturezas, a mulher alheia e a espada: as duas trazem a morte.

Constitui, também, emprego metafórico o uso do termo *aguda* cortante, penetrante, qualificando a mulher alheia; o elemento de intersecção está na ideia de morte, aumentado pela possibilidade de haver dois gumes: um lado que parece bem, enganador, e outro que fere, mata.

- “Salva-te como a gazela [do caçador], e como o pássaro das mãos do que arma laços” (6.5).

Comparação: Salva-te *como* a gazela [do caçador], e *como* o pássaro das mãos do que arma laços; o conectivo *como* estabelece a relação entre os termos comparados: o “filho” deve usar livrar-se, assim como o fazem a gazela e o pássaro em relação aos que procuram aprisioná-los. Vê-se também que os termos comparados, são de naturezas diferentes.

- “Guarda meus ensinamentos como a pupila de teus olhos” (7.2).

Comparação: “Guarda meus ensinamentos como a pupila de teus olhos [...]”, por estabelecer comparação entre os temas de naturezas diversas, trata-se de mais uma comparação metafórica. Pode-se observar que o conectivo *como* estabelece a relação entre os elementos *ensinamentos e pupilas* e, ao fazer tal relação, o autor busca enfatizar a importância dos seus ensinamentos. Nesta comparação, está implícito o verbo do segundo termo: [se fossem] a pupila [...].

- “Uma mulher virtuosa é a coroa de seu marido, mas a insolente é como a cárie em seus ossos” (12.4).

Comparação: “a [mulher] insolente é como a cárie em seus ossos (do marido)”. Temos mais uma comparação de igualdade, instaurada pelo conectivo *como*, cotejando termos de universos diferentes, o que se caracteriza como comparação metafórica, que, neste caso, se baseia no fato de os dois termos trazerem a ruína.

Outra observação que se pode fazer acerca desta frase em pauta é que ela exemplifica a distinção entre a comparação (simples ou metafórica) e a metáfora, sendo que esta última pode ser considerada uma comparação abreviada, à qual falta o elemento de conexão entre os termos comparados. “Uma mulher virtuosa é a coroa de seu marido “representa uma metáfora, ao passo que” a insolente é como a cárie [...]” consiste em uma comparação.

- “O furor do rei é como um rugido de leão, aquele que o provoca prejudica-se a si mesmo” (20.2).

Comparação: *O furor do rei é como m rugido de leão*: o conectivo *como* é o elo entre os termos comparados, estabelecendo a qualidade comum entre o furor do rei e o rugido do leão: ambos trazem prejuízo àquele que os provoca; apesar desse elemento comum, são elementos de universos diferentes.

- “O bom renome vale mais do que grandes riquezas, a boa reputação vale mais que prata e ouro” (22.1).

Comparações: *o bom renome vale mais do que grandes riquezas, e a boa reputação vale mais que a prata e ouro*; pode-se constatar que nestes casos houve comparação de superioridade pela presença do conectivo *mais* (do) *que*, que eleva o termo comparante ao termo comparado. Verifica-se também a diversidade das naturezas dos termos: *bom renome e grandes riquezas*, bem como boa reputação e ouro e prata.

- “Mal fixas os olhos nos bens, e nada mais há, porque a *riqueza tem asas como a águia*, que voa para o céu” (23.5).

Comparação: [...] riqueza tem asas como a águia, que voa [...]. O conectivo *como* estabelece a relação de igualdade entre elementos distintos, que são a *riqueza* e a *águia* que voa para o céu: ambas têm “asas”. Por aproximar termos de diferentes universos (riquezas e águia), trata-se de uma comparação metafórica ou símile. Além disso, constitui metáfora a afirmação de que a *riqueza tem asas*: ela é passageira, logo se perde, vai embora; a característica comum é a fugacidade, o aspecto de logo se afastar.

- “A altura dos céus; a profundidade da terra são impenetráveis, bem como o coração dos reis” (25.3).

Comparação: “A altura dos céus; a profundidade da terra são impenetráveis, bem como o coração dos reis”. O conectivo *como* forma o elo entre os elementos de universos diferentes, (altura/profundidade/coração), estabelecendo a igualdade entre eles: todos eles são impenetráveis; no caso do *coração dos reis*, o adjetivo (impenetráveis) está empregado *metaforicamente*, significando misterioso, difícil de sondar, de se compreender, tendo como elemento comum a profundidade, a inacessibilidade. Os dois primeiros termos, de um lado, e o terceiro, de outro, pertencem a universos diferentes, o que provoca uma comparação metafórica.

- “Assim como a neve é imprópria no estio e a chuva na ceifa, do mesmo modo não convém ao insensato a consideração” (26.1).

Comparação: toda a frase. Esta contém comparação metafórica de elemento conectivo nas duas orações comparadas (*assim como, do mesmo modo*), que contém a idéia comum de inadequação da neve e da chuva nas épocas delimitadas e da consideração / perdão ao insensato.

- “Como um pássaro que foge, uma andorinha que voa: uma maldição injustificada permanece sem efeito” (26.2).

Comparação: “Como um pássaro que foge uma andorinha que voa: uma maldição injustificada permanece sem efeito”. Pode-se constatar que o conectivo *como*, elíptico na segunda oração ([como] uma andorinha que voa), estabelece a relação de igualdade entre as duas primeiras orações que se referem a outro universo, e a terceira oração, atribuindo aos três termos a propriedade de permanecerem sem efeito.

- “Pesada é a pedra, pesada é a areia, mais pesada ainda é a cólera de um tolo” (27.3).

Comparação: *mais pesada ainda é a cólera de um tolo*, termos de universos diferentes (por um lado, *pedra e areia*, por outro lado, *a cólera de um tolo*) são comparados, não por uma relação de igualdade, mas de superioridade: em lugar de *como*, temos *mais*, reforçado por *ainda*. O adjetivo *pesada*, aplicado a *cólera de um tolo*, em uma significação *metafórica*, de sobrecarregar, fazer sofrer as pessoas que convivem com ele, havendo o elemento comum excesso de peso.

- “O ímpio foge sem que ninguém o persiga, mas o justo sente-se seguro como um leão” (28.1).

Comparação: *o justo sente-se seguro*; o conectivo *como* estabelece a relação entre o justo e o leão; por se tratar de elementos de diferentes universos, temos outro caso de símile ou comparação metafórica.

- “Um pobre que oprime miseráveis é qual chuva torrencial, causa de fome” (28.3).

Comparação: “Um pobre que oprime miseráveis é qual chuva torrencial”: *qual* estabelece a comparação entre esse homem e a chuva torrencial: ambos causam a fome, já que tal homem causa a desgraça dos “miseráveis” e a chuva torrencial pode destruir a lavoura. Aqui se cotejam elementos de diferentes universos.

3.2.3 Metonímias

Convém ressaltar que metonímia é a “figura de palavra que consiste na substituição de um termo por outro”, baseada em uma relação objetiva entre os elementos designados por esses “termos”,⁷² ao contrário da metáfora e da comparação metafórica, as quais se baseiam em uma relação subjetiva, ou seja, que depende do sujeito que as enuncia. A relação estabelecida na metonímia é chamada de relação de contiguidade (proximidade, vizinhança), lembrando que, neste trabalho, o termo metonímia abrange também os casos que poderiam ser classificados como sinédoque, figura assentada em uma relação de extensão desigual (por

⁷²GUIMARÃES; LESSA, 1992, p. 20.

exemplo, parte pelo todo, geral pelo particular, ou vice-versa), já que a maioria dos autores classifica estes casos também como metonímia.⁷³

Câmara Jr. considera que a função da metonímia é a de “destacar o que no momento é essencial no conceito designado”⁷⁴ e, ainda que diacronicamente, o uso frequente de uma metonímia faz que o sentido figurado se fixe na língua, criando-se uma polissemia para a palavra.

Assim sendo, procura-se analisar os casos de metonímia mais originais, ou seja, aqueles encontrados somente no texto em estudo, ou de empregos menos frequentes, e não se destaca, portanto, aqueles em que o valor de figura já se esvaziou, tornando-se eles expressões cristalizadas, como por exemplo, “[...] graça e reputação aos olhos de Deus e dos homens” (3.4) em que aos *olhos* de (na opinião de) já se encontra dicionarizado.

1. “[...] ouvindo com atenção a sabedoria e inclinando teu coração para o entendimento” (2.2).

Metonímia: *ouvindo com atenção a sabedoria*. O termo *sabedoria* neste caso está substituindo a pessoa sábia; houve uma relação de troca de termos, o abstrato pelo concreto: sabedoria/pessoas sábias.

Metonímia: *inclinando teu coração para o entendimento*. Aqui também ocorre metonímia, pois há uma troca de sentido do concreto pelo abstrato: *coração por* entendimento. Vemos que, nos *Provérbios*, inúmeras vezes encontra-se este emprego metonímico do termo *coração*, designando entendimento, propósito, já que nos textos bíblicos o coração é tomado como a sede dessas faculdades.

2. “A mão preguiçosa causa indigência, a mão diligente se enriquece” (10.4).

Metonímia: *A mão preguiçosa, a mão diligente*.

Pode-se constatar o recurso metonímico de substituição da parte pelo todo; no caso acima, *a mão preguiçosa e a mão diligente* substituem as pessoas com essas mesmas qualidades.

3. “Quem recolhe no verão é um filho prudente, quem dorme na ceifa merece a vergonha” (10.5).

⁷³GUIMARÃES; LESSA, 1992, p. 20.

⁷⁴CÂMARA JR, 1988, p. 45.

Metonímia: *recolhe no verão, dorme na ceifa*. Aqui a relação baseia-se na extensão: estas expressões estão empregadas no lugar de trabalho e de não trabalho, em um emprego de termos de extensão menor pelos de extensão maior, da parte pelo todo.

4. “O homem de bem goza do *fruto de sua boca*, mas o desejo dos perversos é a violência” (13.2).

Metonímia: *do fruto de sua boca*. O termo boca substitui a expressão palavras que profere em uma relação entre agente (boca) e o resultado (palavras) ou órgão por sua função.

5. “A boca do néscio encerra a vara para seu orgulho” (14.3).

Metonímia: Além da *boca*, metonímia recorrente nos *provérbios*, ao lado de *lábios*, *olhos*, *coração*, há o uso metonímico de vara (= galho, ramo pouco espesso de planta) por castigo; podemos classificar este uso como o do concreto pelo abstrato, ou do instrumento pela ação.

6. “Cabe ao homem formular projetos em seu coração, mas do Senhor vem a resposta da *língua*” (16.1).

Metonímia: resposta *da língua*; relação de contiguidade entre os termos: agente pelo resultado, *língua* por *fala*.

7. “O mau dá ouvido aos lábios iníquos, o mentiroso presta atenção à língua perniciosa” (17.1).

Metonímias: Neste caso há quatro vocábulos que denotam o recurso metonímico; o *mau* em lugar de os maus, o mentiroso em vez de os mentirosos: o singular pelo plural. Já em *lábios iníquos* e *língua perniciosa* ocorre a relação de proximidade entre o órgão e a função: lábios iníquos substitui aqueles que proferem iniquidades, e língua perniciosa é a que diz coisas perniciosas.

8. “*Zombeteiro* é o vinho e ruidoso é o licor” (20.1).

Metonímias: *Zombeteiro é o vinho e ruidoso é o licor*: observa-se a relação de contiguidade entre a causa e o efeito em ambos os casos. *Zombeteiro* pode ser o indivíduo que toma ou abusa do vinho, e a amotinação pode ser consequência de atitudes de uma pessoa que se embriagou.

9. “Olhares altivos ensoberbecem o *coração*, o luzeiro dos ímpios é o pecado” (21.4).

Metonímia: [...] ensoberbecem *o coração*; neste caso pode-se constatar o recurso metonímico na substituição da parte pelo todo: *ensoberbecem o coração* em vez de *ensoberbecem* as pessoas.

10. “Afasta o mau da presença do rei e *seu trono se firmará na justiça*” (25.5).

Metonímia: *seu trono se firmará na justiça*; ao se usar o vocábulo *trono* para designar o poder monárquico, houve a relação de proximidade semântica trono/reinado: o concreto pelo abstrato. Segundo Guimarães e Lessa, este é um caso de símbolo que constitui uma modalidade de metonímia.⁷⁵

11. “O *ímpio* foge sem que ninguém o persiga, mas o justo sente-se seguro como um Leão” (28.1).

Metonímias: *o ímpio, o justo*; neste caso houve o emprego do singular pelo plural, significando *os ímpios, os justos*. Observa-se este caso de metonímia como recorrente nos Provérbios.

12. “Quem ama a sabedoria alegre seu pai, o que frequenta as prostitutas dissipa sua fortuna” (29.3).

Metonímia: “[...] *o que frequenta as prostitutas* [...]”. Ocorre a metonímia com o emprego do lugar pelas pessoas que aí agem: *as prostitutas* está substituindo *casa de prostituição*.

3.2.4 Personificação

Personificação ou Prosopopéia é a figura de linguagem “que consiste em pensar seres inanimados ou irracionais como se eles fossem humanos”, atribuindo-lhes características humanas.⁷⁶ Julga-se importante incluir neste estudo os casos principais dessa figura, no sentido de contribuir também para compreensão pelos alunos do texto em pauta.

1) “Dize à sabedoria: ‘*Tu és minha irmã*’ e chama a inteligência: ‘*Minha amiga*’, para que elas te guardem da mulher alheia, da estranha que tem palavra lúbricas” (7.4-5).

Personificação: Dize à sabedoria: “*Tu és minha irmã*” e chama a inteligência: “*Minha amiga*”. Pode-se constatar a ocorrência de personificação, pois sabedoria e

⁷⁵GUIMARÃES; LESSA, 1992, p. 25

⁷⁶GUIMARÃES; LESSA, 1992, p. 54

inteligência são substantivos abstratos, que designam atributos de pessoas, ao passo que ser irmã e ser amiga é próprio dos seres vivos.

2) “Por ventura não clama a Sabedoria e a inteligência não eleva sua voz?” (8.1). Nesse caso também ocorre personificação, pois sabedoria é substantivo abstrato, e neste contexto toma característica de ser humano: clamar, elevar a voz.

3) “A sabedoria edificou sua casa, talhou sete colunas” (9.1).

Personificação: a *sabedoria edificou sua casa, talhou sete colunas*. Aqui também ocorre personificação, pois mais uma vez temos a *sabedoria* assumindo características de ações humanas. O emprego deste termo como significação, como se pode ver, ocorre inúmeras vezes nos *Provérbios*.

4) “Vindo o orgulho, virá também a ignomínia, mas a *sabedoria mora com os humildes*” (11.2).

Personificação: *a sabedoria mora com os humildes*. Pode-se constatar outra ocorrência de personificação, pois sabedoria é substantivo abstrato ao passo queu morar é próprio de seres vivos.

3.3 Interpretando os Provérbios

Devido ao fato de o objetivo deste trabalho ser o uso dos *provérbios* em sala de aula, visando a introduzir os alunos no estudo, compreensão e emprego consciente e eficaz da linguagem figurada e levá-los a compreender mais facilmente o texto em foco, bem como de outros que contenham figuras de linguagem, identificando esses recursos e os propósitos comunicativos do autor ao usá-los, passa-se a seguir a uma busca de explicação de algumas frases do livro em pauta, por meio de paráfrases destas, fundadas na análise já feita de tais figuras.

Tal procedimento pode ser adotado na sala de aula, quando o tema do processo ensino-aprendizagem for figuras de linguagem ou interpretação/ produção de texto.

Ao se deparar com o quadro dos Provérbios, constata-se que o autor usou diversificados tipos de figuras, tais como metonímia, comparação, metáfora, personificação, além de muitas outras que ultrapassam o enfoque desta pesquisa, como figuras de sintaxe, e especialmente, antítese, a qual encerra muito interesse para um outro possível trabalho. Sob o nome genérico de *mashal* se abrigam vários tipos e subtipos. Temos os de simples

constatação, com “há, não há, homem”; ou com sujeito qualificado e predicado. Tipos de avaliação: positiva, “feliz”; negativa, “abominação”; e o comparativo “é melhor”.

Em base às formas verbais, o tipo de infinitivo é raro, o de particípio é frequente, escassos são o de imperativo e o de pergunta retórica. Os de comparação (precedente, seguinte, duplicada) são em conjunto os melhores. Os de antítese: de extremos opostos e de membros próximos para diferenciá-los. As formas compostas buscam, às vezes, forçam a sinonímia ou a antonímia. Observem-se os seguintes exemplos: 1) “Quem ama a sabedoria alegre seu pai, os que frequentam as prostitutas dissipam sua fortuna” (29.3). Metonímia: “[...] *os que frequentam as prostitutas* [...]”. Ocorre a metonímia com o emprego do lugar pelas pessoas que aí agem: *as prostitutas* estão substituindo *casa de prostituição*; 2) “O bom renome vale mais que grandes riquezas, a boa reputação vale mais do que ouro e prata” (22. 21). Comparações: “*O bom renome vale mais que grandes riquezas, a boa reputação vale mais do que ouro e prata*”; pode-se constatar que nestes casos houve comparação de superioridade pela presença do conectivo *mais* (do) *que*, que eleva o termo comparante ao termo comparado. Verifica-se também a diversidade das naturezas dos termos: *bom renome e grandes riquezas*, bem como boa reputação e ouro e prata; comparação de superioridade: “mais que [...]”; 3) “Mal fixa os olhos nos bens, e nada mais há, porque a riqueza tem asas como a águia que voa para o céu” (23.5). Comparação de igualdade: *é como (...)*; 4) “A Sabedoria edificou sua casa, talhou sete colunas” (9.1) e 5) “A Senhora Sabedoria edifica sua casa, a Senhora Loucura destrói com as próprias mãos” (14.1). Personificação: a Sabedoria, a Senhora Sabedoria, a Senhora Loucura (...).

Há, porém outros provérbios de sentido confuso. Só poderíamos tomá-los por figura, inserindo-os em um contexto: “Tira as escórias da prata e terás um vaso para ourives” (25.4). “Onde não há bois, a manjedoura está vazia, a abundância da colheita provém da força do gado” (14.4).

Se observarmos as duas frases acima, descontextualizando-as, seja de forma escrita ou de um discurso oral, não poderíamos enxergar figuras de linguagem. Porém, recontextualizados adquirem sentido figurado: a primeira pode ser tomada como um dos termos de comparação com o versículo seguinte: “Tira o mau da presença do rei, e seu trono se firmará na justiça”. A segunda frase, contexto geral dos *Provérbios*, pode ser tomado metaforicamente como condicionando a fartura ao trabalho.

Pode-se obter uma lista-contagem, apresentando o número de figuras encontradas nesta análise: 31 metáfora, 16 comparações metáforas, 12 metonímias e 4 personificações, embora tenhamos a consciência de que um outro leitor possa identificar algumas figuras de outra forma, levando em conta seus conhecimentos prévios. Logo abaixo, listamos apenas *os provérbios* com suas paráfrases.

3.3.1 Metáforas

1) “Oxalá a bondade e a fidelidade não se afastem de ti! Ata-as em teu pescoço. Grava-as em teu coração” (3.3).

Paráfrase: Assim como se grava algo (imprimir) quando não se quer esquecer, também tem que se gravar na mente e no (coração) a importância da prática de bons atos que devem ser usados no dia a dia.

2) “Porque os lábios da mulher alheia *destilam* o mel, seu paladar é mais oleoso que o azeite” (5.3).

Paráfrase: A mulher alheia, pelo fato de ser alheia, torna-se mais atraente, mais sedutora aos olhos dos homens, seduzindo-os aos poucos, com palavras ilusórias. Aconselha-se a eles resistirem aos seus encantos.

3) “*Seus pés se encaminham para a morte*, seus passos atingem a região dos mortos” (5.5).

Paráfrase: A pessoa que se envolve com uma mulher comprometida corre o risco de se prejudicar, de se arruinar de alguma forma, física ou moralmente.

4) “Se te ligaste com as palavras de teus lábios, se ficaste cativo com a tua própria linguagem” (6.2).

Paráfrase: Quem fala muito fica prisioneiro do que disse, pode se comprometer além do que esperava.

5) “Faze, pois meu filho, o que te digo: livra-te, pois que *caíste nas mãos* de teu próximo” (6.3).

Paráfrase: O que se deixa ficar comprometido com alguém tem que se livrar dele o mais rápido possível.

6) “Não concedas sono *aos teus olhos*” (6.4).

Paráfrase: Não descanses, nem pares de lutar até que te livres do compromisso assumido o mais rápido possível.

7) “Nem repouso a tuas pálpebras”.

Paráfrase: Assim como no item anterior, aquele que se comprometeu não pode ficar inativo, pois a acomodação dificultará a sua libertação.

8) “Guarda meus ensinamentos como a pupila de teus olhos. *Traze-os ligados aos teus dedos*, grava-os em teu coração” (7.3).

Paráfrase “Deve-se aceitar os ensinamentos como se fosse algo de importância vital, jamais esquecê-los”.

9) “Para que elas te guardem da mulher alheia, da estranha que tem *palavras lúbricas*” (7.5).

Paráfrase: O homem prudente toma cuidado para não se envolver com as palavras sedutoras da mulher alheia.

10) “A Sabedoria edificou sua casa, talhou sete colunas. Matou seus animais, preparou seu vinho e dispôs a mesa. Enviou servas, para que anunciassem nos pontos mais elevados da cidade: ‘Quem for simples apresente-se!’ Aos insensatos ela disse: ‘Vinde comer o meu pão e beber o vinho que preparei, deixai a insensatez e vivereis; andai direito no caminho da inteligência!’” (9.1-6).

Paráfrase: A sabedoria acolhe, convida quem se interessa pelo conhecimento. O texto acima diz respeito às oportunidades que cada pessoa tem de obter conhecimento, de seguir o caminho que soam como convites.

11) “A *balança fraudulenta* é abominada pelo Senhor, mas o peso justo lhe é agradável”.

Paráfrase: A pessoa desonesta sofre as consequências dos seus atos, mas a pessoa honesta, digna, agrada a Deus.

12) “A justiça do homem íntegro aplaina-lhe o caminho, mas o ímpio se *abisma* em sua própria impiedade” (1.5).

Paráfrase: “Assim como o caminho aplainado é mais fácil para qualquer homem, a justiça exerce esta ação no caminho ou na vida do homem íntegro.

13) “Não se firma o homem pela impiedade, mas a raiz dos justos não será abalada” (12.3).

Paráfrase: A pessoa que pratica o mal nunca tem sossego, enquanto que a justa, a honesta, a leal, goza de paz e tranquilidade.

14) “Uma mulher virtuosa é a *coroa* de seu marido, mas a insolente é como a cárie nos seus ossos” (12.4).

Paráfrase: O homem tem orgulho de ter como esposa uma mulher honesta, digna e fiel, enquanto que aquele homem cuja esposa não apresenta tais qualidades sofre muito.

15) “A Senhora Sabedoria edifica sua *casa*, a Senhora Loucura destrói a sua com as próprias mãos” (14.1).

Paráfrase: Quem é sábio evolui na vida, porém a pessoa inconsequente se destrói por si só.

16) “As palavras da boca de um homem são águas profundas, a fonte da sabedoria é uma torrente transbordante” (18.4).

Paráfrase: São desconhecidos os mistérios do coração dos homens, mas pode-se usufruir o que é acessível: o saber.

17) “*Água profunda é o conselho no íntimo* de um homem, o homem inteligente sabe haurir dela” (20.5).

Paráfrase: Já que as palavras podem tocar na consciência humana, é prudente saber ouvir os bons conselhos e praticá-los no dia a dia.

18) “*O coração do rei é água fluente* nas mãos do Senhor, ele o inclina para qualquer parte que quiser” (21.1).

Paráfrase: Apesar de os homens terem poderes terrenos, é Deus quem determina seus atos.

19) “Os caminhos do homem parecem retos aos seus olhos, mas cabe ao Senhor pesar os corações” (21.2).

Paráfrase: Mesmo que pessoas pensem que estão agindo de forma correta, Deus é quem sabe o que é certo ou errado.

20) “Olhares altivos ensoberbecem o coração, *o luzeiro dos ímpios é o pecado*” (21.4)

Paráfrase: Pessoas arrogantes não se inspiram no bem para viver.

21) “*Espinhos e laços* há no caminho perverso, quem guarda sua vida retira-se para longe deles” (22.5).

Paráfrase: Assim como os espinhos são duros e as armadilhas dificultam a estrada para o perverso, aquele que zela por sua vida não tem incômodo.

22) “Quando te sentares à mesa com um grande, considera com atenção quem está diante de ti” (23.1).

Paráfrase: Quando alguém for jantar ou almoçar com uma pessoa rica, influente e poderosa, deve observá-la bem, sem deixar-se impressionar por seus *status*.

23) “Põe uma faca na tua garganta se tu sentes muito apetite” (23.2).

Paráfrase: Deve-se controlar o apetite.

24) “O homem que adula seu próximo estende redes aos seus pés” (29.5).

Paráfrase: não se pode confiar em pessoas bajuladoras, pois elas geralmente são falsas.

3.3.2 *Comparações metafóricas*

1) “Se tu apelares à penetração, se invocares a inteligência, buscando-a como se procura a prata, então se a pesquisares como um tesouro [...]” (2.3-4).

Paráfrase: assim como se busca os bens materiais, deve-se também ir à busca do saber.

2) “Salva-te como a gazela do caçador, e como pássaro das mãos do que arma laços” (6.5).

Paráfrase: Assim como a presa foge do caçador, e o pássaro foge das armadilhas, também deve fugir o homem dos especuladores.

3) “Guarda meus ensinamentos como a pupila de teus olhos” (7.2).

Paráfrase: como se dispensa cuidado à visão, deve-se também guardar os bons conselhos.

4) “Uma mulher virtuosa é a coroa de seu marido, mas a insolente é como a cárie em seus ossos” (12.4).

Paráfrase: da mesma forma que uma mulher honesta orgulha ao marido, a ousada lhe causa grande perturbação.

5) “O furor do rei é como um rugido de leão, aquele que o provoca prejudica-se a si mesmo” (20.2).

Paráfrase: assim como é perigoso provocar um leão, também não é aconselhável provocar uma pessoa de grande poder.

6) “O bom renome vale mais do que grandes riquezas, a boa reputação vale mais que prata e ouro” (22.1).

Paráfrase: o valor da honra, da reputação de uma pessoa, vale mais que grandes fortunas.

7) “Mal fixas os olhos nos bens, e nada mais há, porque a riqueza tem asas como a águia, que voa para o céu” (23.5).

Paráfrase: assim como alguém pode em um dia estar rico, no dia seguinte este alguém pode ficar pobre.

8) “A altura dos céus, a profundidade da terra são impenetráveis, bem como o coração dos reis” (25.3).

Paráfrase: ninguém pode penetrar o íntimo de um governante.

9) “Assim como a neve é imprópria no estio e a chuva na ceifa, do mesmo modo não convém ao insensato a consideração” (26.1).

Paráfrase: não convém prestar consideração a quem, por sua falta de sabedoria, não merece.

10) “Como um pássaro que foge, como uma andorinha que voa: uma maldição injustificada permanece sem efeito” (26.2).

Paráfrase: Quando não se deve, não se precisa temer.

11) “Pesada é a pedra, pesada é a areia, mais pesada ainda é a cólera de um tolo” (27.3).

Paráfrase: a ira de uma pessoa descontrolada pode ser perigosa.

12) “Um pobre que oprime miseráveis é qual chuva torrencial, causa de fome” (28.3).

Paráfrase: do mesmo modo que uma chuva forte pode provocar destruição, miséria, assim é uma pessoa opressora.

3.3.3 *Metonímias*

1) “[...] ouvindo com atenção a sabedoria e inclinando teu coração para o entendimento [...]” (2.2).

Paráfrase: além de prestar atenção no que está ouvindo (bons conselhos), deve-se pensar com carinho na mensagem ouvida.

2) “A mão preguiçosa causa a indigência, a mão diligente se enriquece” (10.4).

Paráfrase: a pessoa preguiçosa passa necessidades financeiras, enquanto que a trabalhadeira pode até enriquecer.

3) “Quem recolhe no verão é um filho prudente, quem dorme na ceifa merece a vergonha” (10.5).

Paráfrase: assim como o filho trabalhador demonstra sabedoria, o filho preguiçoso pode ser envergonhado.

4) “O homem de bem goza de sua boca, mas o desejo dos perversos é a violência” (13.2).

Paráfrase: assim como a pessoa de bem é tranquila e feliz, a pessoa má vive maquinando a violência.

5) “A boca do néscio encerra a vara para seu orgulho” (14.3).

Paráfrase: quem é estúpido se condena com suas próprias palavras.

6) “Cabe ao homem formular projetos em seu coração, mas do Senhor vem a resposta da língua” (16.1).

Paráfrase: apesar de o homem pensar em vários planos para sua vida, só Deus é quem sabe do seu futuro.

7) “O mau dá ouvido aos lábios iníquos, o mentiroso presta atenção à língua perniciosa” (17.1).

Paráfrase: assim como alguém de má índole prefere ouvir as pessoas maldosas, o mentiroso também gosta de conversar com as pessoas nocivas.

8) “Zombeteiro é o vinho, e ruidoso é o licor” (20.1).

Paráfrase: quem abusa da bebida alcoólica pode se tornar uma pessoa inconveniente e dada a brigas.

9) “Afasta o mau da presença do rei, e seu trono se firmará na justiça” (25.5).

Paráfrase: a pessoa que governa um país deve estar rodeada de gente honesta para que haja um bom governo.

10) “O ímpio foge sem que ninguém o persiga, mas o justo sente-se seguro como um leão” (28.1).

Paráfrase: assim como o culpado tem a consciência pesada, o inocente não se perturba com nada.

11) “Quem ama a sabedoria alegra seu pai, o que frequenta as prostitutas dissipa sua fortuna” (29.3).

Paráfrase: o filho sábio dá alegria a sua família, em contrapartida o boêmio gasta todos os seus bens.

3.3.4 *Personificações*

1) “Dize à sabedoria: ‘Tu és minha irmã’ e chama a inteligência: ‘Minha amiga’, para que elas te guardem da mulher alheia, da estranha que tem palavras lúbricas” (7.4-5).

Paráfrase: Aquele que deseja se livrar dos encantos de uma mulher casada deve se aliar ao bom senso.

2) “Por ventura não clama a Sabedoria e a inteligência não eleva sua voz?” (8.1).

Paráfrase: O saber e a inteligência estão disponíveis ao homem.

3) “Vindo o orgulho, virá também a ignomínia, mas a sabedoria mora com os humildes” (11.2).

Paráfrase: De nada adianta ser orgulhoso, pois sábios mesmo são os humildes.

4 COM VISTAS A UMA APLICAÇÃO PRÁTICA

Para introdução de como fazer uma aplicação prática, foram recolhidos ditos populares em sala de aula, explorando assim o conhecimento e a sabedoria popular do público alvo, o Sétimo Ano da Turma B, e finalizando a parte prática com o desenvolvimento do plano de aula abrangendo a terceira coleção do livro Provérbios (Pv 25-29).

4.1 Ditos populares recolhidos em sala de aula.

Uma série de ditos populares foi recolhido pelos alunos. Foram eles os seguintes: “É dando que se recebe”; “Quem ri por último, ri melhor”; “Alegria de pobre dura pouco”; “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”; “Em casa de ferreiro, espeto de pau”; “Quem tem boca, vai a Roma”; “Gato escaldado, da água fria tem medo”; “Quem espera, sempre alcança”; “Quando um não quer, dois não brigam”; “Os últimos serão os primeiros”; “Há males que vêm para o bem”; “Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé”; “A esperança é a última que morre”; “Quem dá aos pobres empresta a Deus”. “Depois da tempestade, vem a bonança”; “Devagar, se vai ao longe”; “Antes tarde, do que nunca”; “Em terra de cego, quem tem um olho é rei”; “Quem cedo madruga, Deus ajuda” “Pau que nasce torto, morre torto”; “A união faz a força”; “Dize-me com quem andas, e eu te direi quem és”; “Aqui se faz aqui se paga”; “Quem tudo quer tudo perde”; “Falar é prata, calar é ouro”; “Papagaio come milho, periquito leva fama”; “É melhor prevenir do que remediar”; “À noite todos os gatos são pardos”; “Quem não tem cão caça com gato”; “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

4.2 Plano de aula

Foi elaborado um plano de aula com intuito de trabalhar especificamente os capítulos 25-29 do livro de Provérbios, avaliando o desempenho do 7º Ano, turma “B”.

Plano de aula da turma 7º Ano, turma B

Objetivo Geral: Compreender o conceito de justiça baseado na equidade e sensibilizar-se pela necessidade da construção de uma sociedade justa e fraterna.

Objetivos Específicos: Ser capaz de conviver com as diferenças entre as pessoas, independente de sexo, cultura, valores, opiniões ou religiões.

Ter respeito mútuo como condição necessária para o convívio social democrático: respeito ao outro e exigência de igual respeito para si.

Conteúdo: Provérbios: A Sabedoria do Povo. Capítulos 25-29

Estratégias: Aula expositiva, utilizando recurso audiovisual, leitura do texto na Bíblia, atividades em grupo.

Avaliação: Plenário das atividades desenvolvidas em grupo.

GRUPO 1

Atividade: Moral e Social (Provérbios 25-27).

Ler na Bíblia o conjunto de Provérbios 25-27 e responder:

- a) Destacar os temas principais frisados nos capítulos 25-27.
- b) Esses conselhos bastam para a convivência social hoje?
- c) Quais os conselhos que mais impressionaram?
- d) Que conselhos o grupo acrescentaria?
- e) Levar a Plenário.

GRUPO 2

Atividade: Ética para os governantes (Provérbios 28-29).

Ler na Bíblia o conjunto de Provérbios 28-29 e responder:

- a) Destacar os temas principais frisados no capítulo 28-29.
- b) Como a autoridade política deve governar um povo onde há desigualdade social?
- c) Por que a riqueza é vista como coisa perigosa para as autoridades principalmente?
- d) Por que a autoridade política deve se submeter à lei e a Deus?
- e) Levar à Plenária.

GRUPO 3

Atividade: Estudo do texto Provérbios (25-29). Ler na Bíblia Provérbios 25-29:

- a) Destacar os temas principais frisados nos capítulos 25-29.

b) Escolher um versículo de cada capítulo (Pv 25-29) e destacar:

Metáfora; metonímia; personificação e a paráfrase de cada tipo de figura.

c)Levar à Plenária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com dados históricos baseados nas narrativas bíblicas, os hebreus eram um povo nômade que andava à procura de melhores condições de vida. Quanto à religião, esse povo era dividido entre o politeísmo, e a sua cultura não se dissociava da religião. Viviam em clãs compostos pelos patriarcas. Mas essa divisão não facilitava a vida dos hebreus quanto à necessidade constante de lutas e batalhas para se firmarem em determinado lugar.

Em decorrência dessa necessidade de fortalecimento, surgiu então uma organização política, compostas de chefes militares que ficaram conhecidos como juízes. O governo dos juízes evoluiu, impulsionando os hebreus a se organizarem em sistema de governo monárquico.

Desta forma, Salomão, filho de Davi, foi um dos herdeiros da “coroa” de um império marcado pela prosperidade. Ao tornar-se rei, Salomão desenvolveu o comércio, aumentando ainda mais a influência do reinado e sem recorrer a guerra.

O discurso usado pelo rei Salomão em *Provérbios* pode ser considerado como discurso retórico, porque foi elaborado com o intuito de persuadir. Já de início o autor apresenta a necessidade de ouvir seus conselhos, que se resumem em aprender a ser sábio, a ser sensato e a ser justo. Sabendo-se que Salomão foi considerado um dos homens mais sábios da Antiguidade, pode-se afirmar que, com certeza, possuía *ethos* para ditar regras.

Seu discurso é elaborado de maneira que o ouvinte sintasse íntimo do locutor (encontra-se por várias vezes o vocativo “meu filho”), e isso facilita para que o ouvinte aceite a mensagem; verifica-se ao longo desse livro, que o autor usou dos mais diferentes recursos para chamar a atenção para a sua mensagem.

Atendendo à terminologia retórica, podem-se classificar os provérbios bíblicos, em sua maioria, em máximas e entimemas, conforme foi definido. O capítulo I seria o exórdio. (exórdio é o começo, o que abre o caminho para o que se tem a dizer):

Provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel, para conhecer a sabedoria e a instrução, para compreender as palavras sensatas, para adquirir as lições do bom senso, da justiça, da equidade e da retidão, para dar ao simples o discernimento, ao adolescente a ciência e a reflexão, que o sábio escute e aumentará seu saber, e o homem inteligente adquirirá prudência, para compreender os provérbios, as alegorias, as máximas dos sábios e seus enigmas (1.1-5).

Nos versículos acima, o autor faz uma explanação sobre o assunto a ser tratado no livro, chamando a atenção para a importância do que ele tem a dizer.

Já em outros versículos podem-se constatar os entimemas, sabendo-se que o entimema “é um silogismo, forma de raciocínio que apresenta uma nova proposição (premissa) resultante de outras [dadas] proposições. Estas dadas proposições podem ser baseadas realmente ou só aparentemente na opinião”.⁷⁷

“Tesouros mal adquiridos de nada servem, mas a justiça livra da morte” (10.2); “Vindo o orgulho, virá também à ignomínia, mas a sabedoria mora com os humildes” (11.2). Assim como estes dois exemplos, encontram-se, no decorrer da análise, vários outros, em que a conjunção “mas” opera a transformação de máximas em entimemas.

Por outro lado, a máxima é um meio de dizermos, uma maneira de ver que não se restringe a um caso particular, mas de caráter universal. Ex. *Não há homem que seja livre*.

Nos *Provérbios*, podemos encontrar exemplos de máximas:

“Quem precipita seus passos, desvia-se” (19.2); “Água profunda é o conselho no íntimo de um homem, o homem inteligente sabe haurir dela” (20.5). Apesar de encontrarmos algumas máximas, constata-se que o que prevalece, mesmo, são os entimemas. Vê-se também que há alguns “ditos” cujo teor de mensagem pode se restringir apenas àquela época, como, por exemplo: “O coração do rei é água fluente nas mãos do Senhor, ele inclina para qualquer parte que quiser” (21.1). Eis a paráfrase mais adequada para tal *provérbio*: Apesar de os homens terem poderes terrenos, é Deus quem determina seus atos. Mas, se tornarmos as palavras ao pé da letra, pode-se perceber que o autor estava se referindo a si mesmo, quando usou o vocábulo *rei*; além de deixar transparecer a estreita ligação entre o poder eclesiástico (enquanto representante de Deus) e o poder monárquico, peculiar àquela época. Encontramos também aqueles *provérbios* mais voltados para a religião, fato lógico, considerando o contexto em que foram escritos. Ou ainda os seguintes exemplos: “Todos os caminhos parecem puros ao homem, mas é o Senhor quem pesa os corações” (16.2). Parafraseando seria mais ou menos o seguinte: Mesmo que pessoas pensem que estão agindo de forma correta, Deus é quem sabe o que é certo ou errado. “Cabe ao homem formular projetos em seu coração, mas do Senhor vem a resposta da língua” (16.1). Paráfrase: apesar de o homem honesto pensar em vários planos para sua vida, somente Deus é quem sabe se seu futuro.

⁷⁷ DIAS, 2005 a.

Quanto a outros axiomas, encontramos mais facilidade *em aplicar seu sentido aos dias de hoje, pois as mensagens são* significativas, desde que façamos a associação metafórica necessária. Para melhor ilustrar, vejamos os seguintes exemplos: “Não se firma o homem pela impiedade, mas a raiz dos justos não será abalada” (12.3), ou seja, a pessoa que pratica o mal nunca tem sossego, enquanto que a justa, a honesta, a leal, goza de paz e tranquilidade. Outro: “Por que os lábios da mulher alheia destilam o mel, o seu paladar é mais oleoso que o azeite” (5.3), isto é, podemos entender que a mulher alheia, pelo fato de ser alheia, torna-se mais atraente, mais sedutora aos olhos dos homens, e aconselha-se a eles resistirem aos seus encantos.

Como podemos notar, estas duas máximas encerram conselhos referentes ao comportamento humano, pois, independente da época em que viva, o homem necessita prezar a justiça e o bom senso. Sabemos que para viver em sociedade temos que respeitar algumas regras, ao passo que, se as isolarmos, estaremos sujeitos às consequências, as quais podem ou não ser agradáveis. E esse é o objetivo dos Provérbios, aconselhar para que se tenha uma vida melhor.

No decorrer deste trabalho, procuramos fazer algumas reflexões sobre o uso das figuras de linguagem, mais especificamente da metáfora, metonímia, comparação metafórica e também alguns casos de personificação. Ao longo do estudo procuramos observar a utilização dessas figuras, e pudemos observar não só sua aplicação em textos, como também a possibilidade de seu uso no cotidiano.

Sabemos que o emprego das figuras não é um fator novo, provavelmente exista desde que o homem descobriu a linguagem como meio de interagir. O que sempre vai estar em discussão é a forma de como esse recurso de linguagem “especial” pode influir na vida das pessoas.

A proposta de inserir os *Provérbios* bíblicos em sala de aula serve como um esquema mediador que facilita a compreensão de uma metáfora, contextualizando-o para o tempo presente. Não importa se a metáfora foi escrita hoje ou há mais de dois mil anos, de qualquer forma poderemos extrair sua “essência” e aplicá-la ao nosso cotidiano. E o mais importante disso é saber aproveitar essa nova descoberta.

Por isto, durante todo o decorrer desta pesquisa, procurou-se enfatizar a importância da metáfora, o modo como ela está presente como um recurso retórico, tendo por finalidade “pôr em destaque aspectos que o termo próprio não é capaz de evocar por si mesmo”.⁷⁸

Usada para persuadir ou apenas para ornamentar o discurso, a metáfora constitui uma das mais interessantes formas de expressão. Os *Provérbios* bíblicos apresentam-se como um texto potencial para a formação nos diferentes níveis de ensino e informação, no caso desta pesquisa, no que diz respeito às figuras de linguagem.

⁷⁸ CÂMARA JR, 1988, p. 166.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação*. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- ANTUNES, Celso. *Metáforas para aprender a pensar*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ANTUNES, Irandé. *Aula de português-encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BENOIST, Luc. *Signos símbolos e mitos*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral – Catequética. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) 65. ed. São Paulo: Ave Maria, 1989.
- BOOTH, Wayne C. A metáfora como retórica: o problema da avaliação In: SACKS, Sheldon (Org.). *Da metáfora*. São Paulo: Educ/Fontes, 1992.
- BRANDÃO, Roberto Oliveira de. *As figuras de linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Constituição Brasileira*. República Federativa do Brasil, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação Fundescola. *Leitura e produção de texto petição, texto epistolar e texto informativo*. Supervisão geral de Wilsa Maria Ramos. Brasília: 2002.
- CABRAL, J. *Introdução bíblica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Universal LTDA, 1995.
- CARDOSO, Silvia Helena Barbi. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. *Dicionário de Linguagem e Gramática*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CASCANTE Fernando A. Provérbios: um manual pedagógico para nós hoje? CEBI – Centro de Estudos Bíblicos, n. 108, 1996.
- COHEN, Ted. A metáfora e o cultivo de intimidade. In SACKS, Sheldon (org). *Da metáfora*. São Paulo: Educ/Fontes, 1992.
- COWAN, J. FEUCHT-HAVAIR, Joyce. [prefácio] A Metáfora e o cultivo da intimidade. In: SACHS, SHELDON, (Org.). *Da metáfora*. São Paulo: Educ/Fontes, 1992.
- DIAS, Marieta Prata Lima. A Metáfora no editorial jornalístico brasileiro de tema político. ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO de Língua Português. São Paulo: IP/PUC, 2000.

- DIAS, Marieta Prata Lima. *Retórica Aristotélica*. [S.l.], [s.n.], 2005a.
- DIAS, Marieta Prata Lima. *Metodologia da pesquisa em educação especial*. Sonop: CEACD/UNEMAT, 2005b.
- DUBOIS, J. et al. *Retórica geral*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1974.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. *Novo Aurélio século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GUIMARÃES, Hélio Seix de; LESSA, Ana Cecília. *Figuras de linguagem*. 12. ed. São Paulo: Atual, 1988. (Coleção Tópicos de Linguagem).
- _____. *Figuras de linguagem: teoria e prática*. 5. ed. São Paulo: Anual, 1992.
- HAGEE, John C. *Bíblia de estudo das profecias*. 2. ed. Belo Horizonte: Atos, 2001.
- LE GUERN, Michel. *La Metáfora y La metonímia* 5. Ed. Madrid: Cátedra, 1990.
- LEACH, Jean. Análise Retórica. In: BAUER, W; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MAN, Paul de. A epistemologia da metáfora. In: SACKS, Sheldon (Org.). *Da metáfora*. São Paulo: Educ/Fontes, 1992.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionários de Termos Literários*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
- PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia Livro por Livro*. 5. ed. Miami: Vida, 1978.
- SOCIEDADE TORRE DE VIGIA BÍBLIAS E TRATADOS. *Estudo Perspicaz das Escrituras*. Volume 3. SP: 1992.
- STORNILO, Ivo. *Como ler o livro dos Provérbios. A sabedoria do povo*. 4ª edição, 2008. Paulus.
- SCHWANTES, Milton. *Sentenças e Provérbios: sugestões para a interpretação da sabedoria*/ São Leopoldo: Oikos, 2009.
- SWANSON, Don R. Rumo a uma psicologia da metáfora. In: SACKS, Sheldon (Org.). *Da metáfora*. São Paulo: Educ/Fontes, 1992.